



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**OTONIEL CARNEIRO FERNANDES**

**A CULTURA LOCAL E AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO DE CASO DE UMA ESCOLA NA CIDADE DE  
FORTALEZA/CE**

**FORTALEZA**

**2022**

OTONIEL CARNEIRO FERNANDES

A CULTURA LOCAL E AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO DE CASO DE UMA ESCOLA NA CIDADE DE  
FORTALEZA/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de concentração: Movimentos sociais, Educação popular e escola

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eleni Henrique

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C289c Carneiro Fernandes, Otoniel.  
A cultura local e as práticas corporais nas aulas de Educação Física: estudo de caso de uma escola na cidade de Fortaleza / Otoniel Carneiro Fernandes. – 2022.  
105 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Profa. Dra. Maria Eleni Henrique.
1. educação física escolar. 2. práticas corporais. 3. cultura. I. Título.

CDD 370

---

OTONIEL CARNEIRO FERNANDES

A CULTURA LOCAL E AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO DE CASO DE UMA ESCOLA NA CIDADE DE  
FORTALEZA/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de concentração: Movimentos sociais, Educação popular e escola

Aprovada em: 19.07.2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Luiz Sanches Neto  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dr. Raphaell Moreira Martins  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dr. Eduardo Mota e Silva

*Para Hildemara, Alina e Melina.*

## AGRADECIMENTOS

À querida Prof. Dra Maria Eleni Henrique, minha orientadora nesse trabalho, pelas horas dedicadas à orientação, sugestão de leituras e correção da escrita. Obrigado pela paciência na construção do trabalho, por entender os momentos difíceis e pela confiança na possibilidade da realização do trabalho pela minha pessoa.

À minha esposa Hildemara Amaral, pelo amor, apoio incondicional, companheirismo, suporte nas horas difíceis e por acreditar sempre que esse era o caminho certo a ser trilhado, essa vitória é sua também. Às minhas filhas Alina Helia e Melina Helia por serem as responsáveis por eu acordar todo dia e querer sempre ser uma pessoa melhor.

Aos queridos professores avaliadores da banca, Prof. Dr. Luiz Sanches Neto, Prof. Dr. Raphael Moreira Martins e Prof. Dr. Eduardo Mota e Silva por terem aceitado participar da banca, pelo tempo dedicado à leitura e pelas contribuições valiosas na construção do trabalho de pesquisa da presente dissertação.

À minha mãe Suely Feitosa, por ter contribuído de forma definitiva para minha formação e por ter proporcionado eu me tornar o homem, o profissional, o amigo, o pai que sou hoje.

À minha sogra Maria de Jesus Amaral, por não me deixar esquecer que esse era o caminho a ser seguido e que eu era capaz de fazer isso acontecer.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e acreditaram nessa caminhada. Minha irmã Katharina, que partilha comigo o mesmo ideal de carreira, uma inspiração pra mim e minha sobrinha Marina. Minhas cunhadas(os) Samara Amaral e Hilmara Amaral pelo apoio e ajuda de diversas formas para que esse trabalho pudesse se concretizar.

Aos meus queridos amigos e eternos companheiros de pós-graduação Romilla Menezes e Gabriel Chagas, que compartilharam comigo todas as alegrias, conquistas e angústias do Mestrado, mas que tiveram suas jornadas interrompidas nesse plano precocemente. Nossas conversas, reflexões e risadas ficarão marcadas indelévelmente em minha vida. Essa vitória também é de vocês.

A todos os amigos e amigas do grupo de pesquisa Saberes em Ação, por sempre estarem dialogando, refletindo e ressignificando a nossa Educação Física escolar, e pelo suporte acadêmico, profissional e humano de todos.

.Aos amigos, professores e funcionários do FACED que de alguma forma puderam contribuir para que eu alcançasse o meu objetivo e obtivesse sucesso.

*“O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estancando a sede dos outros. Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades.”*

*Gilberto Freyre*

## RESUMO

A motivação principal da presente pesquisa foi procurar entender como funcionam as relações entre os aspectos culturais de cada local e as práticas corporais presentes nas aulas de educação física e no cotidiano dos estudantes, a partir de uma análise da relação entre os saberes elaborados (relacionados por estudantes nas aulas de Educação Física e o contexto sociocultural local de uma escola pública de Fortaleza. Sociedade e cultura estão lado a lado em um itinerário antropológico, a sociedade sofre transformações a partir de aspectos culturais bem definidos e que incidem sobre a sua estrutura, tornando esse processo algo sistemático e natural. A cultura por outro lado tem origem em um agrupamento de indivíduos (sociedade) e em determinados hábitos, símbolos e comportamentos desse grupo a partir de demandas que envolvem a evolução do ser humano e sua sobrevivência, determinando sua base social e sua importância. Tendo como tema central a Cultura Corporal de Movimento, na Educação Física como área de estudo temos o brasileiro Jocimar Daolio (2004) com um trabalho consistente nessa temática, apoiado também pelos antropólogos Clifford Geertz e Marcel Mauss. A pesquisa seguiu um itinerário metodológico de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, que privilegiou o caráter relacional entre e com as pessoas do campo em questão, no caso, a escola. A estratégia definida para a geração dos dados empíricos foi a aplicação de um questionário para alunos de uma escola de ensino médio da cidade de Fortaleza. Com a finalidade de fortalecer o arcabouço teórico que serviu de base para a pesquisa de campo foi realizado um estudo de revisão, do tipo estado da arte, para tentar estabelecer conexões e provocar reflexões nas observações das aulas de Educação Física. Foi possível concluir que investigar e atribuir um sentido identitário aos processos culturais pode valorizar a área da educação física escolar; que se faz necessário que o professor entenda o significado do que está a sua volta e como isso se manifesta em suas aulas para melhor desenvolvimento de sua prática e atendimento às necessidades dos alunos. Por outro lado, vemos estudantes que tentam diferenciar-se uns dos outros a partir de várias manifestações, inclusive a corporal, atribuindo assim um sentido àquilo. Portanto, essa identidade cultural permeia as relações do corpo e do movimento, e tais aspectos não podem de forma alguma serem desconsiderados nos processos de ensino e de aprendizagem.



**Palavras-chave:** educação física escolar; práticas corporais; cultura; ensino médio  
;juventudes.

## ABSTRACT

The main motivation of the present research was to try to understand how the relationships between the cultural aspects of each place and the bodily practices present in physical education classes and in the students' daily lives work, from an analysis of the relationship between the elaborated knowledge (related by students in Physical Education classes and the local sociocultural context of a public school in Fortaleza. Society and culture are side by side in an anthropological itinerary, society undergoes transformations from well-defined cultural aspects that affect its structure, making This process is somewhat systematic and natural. Culture, on the other hand, originates in a grouping of individuals (society) and in certain habits, symbols and behaviors of this group from demands that involve the evolution of human beings and their survival, determining their basis and its importance. Having as its central theme the Body Culture of Movement, in Physical Education As an area of study, we have the Brazilian Jocimar Daolio (2004) with a consistent work on this theme, also supported by anthropologists Clifford Geertz and Marcel Mauss. The research followed a methodological itinerary of a qualitative nature, of the case study type, which privileged the relational character between and with the people of the field in question, in this case, the school. The strategy defined for the generation of empirical data was the application of a questionnaire to students of a high school in the city of Fortaleza. In order to strengthen the theoretical framework that served as the basis for the field research, a review study was carried out, of the state of the art type, to try to establish connections and provoke reflections in the observations of Physical Education classes. It was possible to conclude that investigating and attributing a sense of identity to cultural processes can enhance the area of school physical education; that it is necessary for the teacher to understand the meaning of what is around him and how this is manifested in his classes for a better development of his practice and meeting the needs of the students. On the other hand, we see students who try to differentiate themselves from each other based on various manifestations, including bodily manifestations, thus attributing a meaning to that. Therefore, this cultural identity permeates the relationships between the body and movement, and such aspects cannot in any way be disregarded in the teaching and learning processes.

**Keywords:** local culture, bodily practices, subjects, high school, youth

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Quadro 1 – Artigos recorte temporal.....	35
Quadro 2 – Categorização de artigos.....	36
Gráfico 1 – Idade dos participantes da pesquisa.....	61
Gráfico 2 – Gênero dos participantes da pesquisa.....	62
Gráfico 3 – Quanto à participação nas aulas de Educação Física.....	62
Gráfico 4 – Sobre os conhecimentos nas aulas de Educação Física.....	64
Gráfico 5 – Local de aprendizado de informações relacionadas à Educação Física.....	69
Gráfico 6 – Sobre as práticas corporais nas aulas de Educação Física.....	70
Gráfico 7 – Sobre a prática de atividade física no contexto escolar.....	71
Gráfico 8 - Valor de importância dada às atividades fora do contexto escolar.....	72
Gráfico 9 – Local de prática de atividade física fora do contexto escolar.....	73
Gráfico 10 – Sobre a suspensão das aulas presenciais devido a pandemia.....	74
Gráfico 11 – Quanto à participação nas aulas de Educação Física de forma remota.....	75

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1</b>	<b>Instrumento norteador .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2</b>	<b>Caracterização da pesquisa.....</b>	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>MAPEANDO OS ESTUDOS QUE TRATAM DA CULTURA.....</b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>53</b>
<b>4.1</b>	<b>Cultura por Clifford Geertz.....</b>	<b>54</b>
<b>4.2</b>	<b>Cultura por Marcel Mauss.....</b>	<b>56</b>
<b>4.3</b>	<b>Cultura pelos autores da Educação Física.....</b>	<b>57</b>
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS.....</b>	<b>65</b>
<b>5.1</b>	<b>Análise do contexto: as contribuições da entrevista com o professor.....</b>	<b>86</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>99</b>
	<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A relação entre o contexto sociocultural e os saberes relacionados com as práticas corporais de estudantes do ensino médio é a motivação principal desse trabalho de pesquisa que visa entender a relação entre a cultura e a Educação Física escolar, através de uma análise das relações entre os aspectos culturais de cada local e as práticas corporais presentes no cotidiano dos sujeitos. Procuraremos também compreender como os aspectos culturais são influenciadores na construção de normas, significados e planejamentos das aulas. Quando olhamos à nossa volta, por vezes não percebemos, mas tudo está relacionado com a cultura de cada local e os signos inseridos na história de vida de cada pessoa.

Desde a época da graduação há um interesse da minha parte em entender como a cultura se relaciona com o nosso corpo e com nossas práticas corporais. Partindo dessa motivação eu optei por uma investigação tendo o tema da cultura como mote já no meu trabalho de conclusão de curso<sup>1\*</sup> na Licenciatura em Educação Física. Aqui abro um breve parêntese na minha fala para relatar um pouco da minha jornada no Curso de Educação Física na Universidade Federal do Ceará. Sou egresso da turma de 1997 quando o curso ainda funcionava junto a Faculdade de Educação, no Centro de Humanidades. Nessa época o curso tinha outra estrutura e funcionava de maneira bem diferente do que temos hoje em dia no Instituto de Educação Física e Esportes. Iniciei o curso sem muita certeza de que era isso que queria ter como profissão para o resto da vida, mas dei seguimento aos estudos iniciais. Posteriormente tive que interromper os estudos em virtude da morte de meu pai e por precisar trabalhar para garantir meu sustento. Em momentos seguintes, tentei retomar o curso mas não dei seguimento por diferentes razões. Apesar disso trabalhei durante muito tempo como provisionado<sup>2</sup> na área do fitness, construindo minha vida sempre a partir da Educação Física. Incentivado por minha esposa, em 2016 resolvi retomar o curso e dar uma outra narrativa para a minha história

---

<sup>1</sup> FERNANDES, Otoniel Carneiro. **Práticas Corporais E Educação Física Escolar: Aproximações Entre As Noções Culturais Com Elementos Da Teoria Da Relação Com O Saber**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Educação Física. Instituto de Educação Física e Esportes. Universidade Federal do Ceará, 2018.

<sup>2</sup> Denomina-se **provisionado** o Profissional de Educação Física sem formação em nível superior que obtém o registro funcional após comprovar o exercício na área por pelo menos três anos antes da regulamentação da profissão, ocorrida em 1998 (Lei Nº 9696/98)

com a Educação Física, o detalhe é que não era mais possível retomar o curso o que me desmotivou bastante em um primeiro momento.

A partir dessa situação só havia uma maneira de retomar o curso, que era prestar exame seletivo novamente para entrar na Universidade Federal do Ceará, eu que nunca tinha feito o Exame Nacional do Ensino Médio (na minha época era vestibular ainda) me vi tendo que retomar os estudos para conseguir meu objetivo. Com isso, depois de muito esforço e noites em claro, consegui entrar para o Curso de Licenciatura em Educação Física na UFC em oitavo colocado. Passei então a escrever outro capítulo na minha história e do qual tenho muito orgulho. Durante um tempo foi muito difícil falar desse assunto, por um misto de vergonha e autocomiseração, mas sinto que tenho uma dívida com esse momento e isso precisa ser contado, meio que para funcionar como uma cartase desse período. Nessa minha segunda fase na universidade, mais maduro e experiente me aproximei de temáticas e experiências que antes não pude experimentar. Integrei-me à mais de um grupo de estudos, apresentei trabalhos em congressos e encontros universitários. Vivi diferentes momentos na UFC, de altos e baixos, de alegrias e tristezas, mas que me trouxeram a este momento atual em que construo um texto e enfrento uma pesquisa para contribuir da forma que sempre imaginei com a Educação Física.

É importante citar que em minha pesquisa anterior na graduação apesar de ter a cultura como um dos temas centrais, os objetivos, problemas e referenciais teóricos são distintos da pesquisa atual, bem como a atual pesquisa não se caracteriza como uma continuação do trabalho anterior.

O olhar antropológico sempre habitou em mim, desde a minha tenra idade já havia uma curiosidade em entender como outras pessoas viviam e quais eram seus hábitos. O que na infância parecia ser uma curiosidade, se transformou nesse olhar a partir da leitura de alguns autores como Clifford Geertz, Marcel Mauss e Pierre Bourdier. A partir do contato com esses autores é que fui entender o que era a ciência da antropologia e que esse meu interesse anterior na verdade era uma conexão implícita com os aspectos antropológicos do ser.

A motivação principal da presente pesquisa é procurar entender como funcionam as relações entre os aspectos culturais de cada local e as práticas corporais presentes no cotidiano dos sujeitos que farão parte da pesquisa. Falando de forma simples quero procurar entender os motivos pelo qual aquele indivíduo faz uso de determinada manifestação corporal em seu ambiente local e se a dinâmica cultural desse lugar exerce influência na escolha por parte do sujeito.

Geertz (1979) afirma que ao longo da evolução do ser humano, houve um período de superposição do desenvolvimento cerebral sobre o desenvolvimento sociocultural. A capacidade mental durante sua evolução foi permitindo certos comportamentos culturais como a utilização de ferramentas, o convívio social, o início da linguagem, que determinaram a evolução final do organismo humano. Dessa forma a cultura, mais que consequência de um sistema nervoso estruturado, seria um ingrediente para seu desenvolvimento.

O ser humano, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes, num processo de incorporação (DAOLIO, 1995). Através do corpo, ele(a) participa ativamente de um processo contínuo de construção e ressignificação de suas condutas na sociedade, nas mais distintas definições e atribuições do corpo, seja no viés psicossocial, bem como biológico, filosófico ou laboral. Essa transformação se dá por meio de incorporações de diferentes costumes vivenciados cultural e cotidianamente.

A dinâmica das relações na sociedade contemporânea contribui para uma avalanche de informações que recebemos e que tem influência nos aspectos culturais de um determinado lugar e/ou de um grupo de pessoas. A incorporação e, por conseguinte, a repetição dos costumes contribui para uma disseminação de determinada prática no referido ambiente, prática essa que pode permanecer por gerações, se transformar ou simplesmente se extinguir devido às demandas ambientais ou mesmo à incorporação de outros costumes (SANCHES NETO et al., 2013). Embora o indivíduo se construa no social, ele se constrói como sujeito, através de uma história, não sendo, assim, a simples encarnação do grupo social ao qual pertence (CHARLOT, 2000).

No âmbito da Educação Física, as práticas corporais estão incluídas no rol de bens culturais que podem vir a ser pré-definidas pelo grupo social ou podem passar por um processo de construção corporal desvinculado de um padrão de comportamento do grupo ao qual o sujeito pertence.

De acordo com essa ideia, pode-se afirmar que o processo cultural define, em grande parte, como cada pessoa escolherá suas formas de se manifestar nas mais diversas situações, inclusive, em relação às questões ligadas ao seu corpo. (ZYLBERBERG, 2007)

O processo de investigação acerca do alicerçamento cultural de cada comunidade é relevante para o entendimento de como se formam e se projetam as práticas culturais nos habitantes daquele lugar. No campo educacional, a difusão de temas como diversidade de gênero, diferenças sociais, multiculturalidade, diversidade e alteridade é



cada vez mais comum, exigindo dos educadores uma visão mais ampla sobre os processos culturais e suas demandas por parte dos estudantes.

Na educação brasileira, Paulo Freire em seus estudos enunciou a sentença de que a cultura poderia atuar fortemente como um instrumento de libertação. Seu método pedagógico teve como base a dimensão cultural e ao longo de sua bibliografia fica evidente que Freire procurou promover ações culturais visando à inserção dos sujeitos na realidade para transformá-la mediante os processos pedagógicos e culturais. Para Freire (1969) a cultura é tudo o que o homem acrescenta ao mundo, entende como resultado do trabalho humano, do seu esforço criador e recriador.

O que importa essencialmente é que, na discussão, os estudantes, seres inconclusos reconheçam-se a si mesmos como criadores de cultura. Com esta discussão que precede a educação, abrem-se os trabalhos do Círculo de Cultura; que iremos discutir em outro momento do texto, e se prelude a libertação (FREIRE, 2006).

Freire (1981) afirma que toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, seja no sentido de mantê-la como está, seja no sentido de transformá-la. Por isto, como forma de ação deliberada e sistemática, toda ação cultural tem sua teoria, que determinando seus fins, delimita seus métodos.

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura, assim ele se descobriria como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana. (FREIRE, 1963, p. 17).

Sociedade e cultura estão lado a lado em um itinerário antropológico, a sociedade sofre transformações a partir de aspectos culturais bem definidos e que incidem sobre a sua estrutura, tornando esse processo algo sistemático e natural. A cultura por outro lado tem origem em um agrupamento de indivíduos (sociedade) e em determinados hábitos,

símbolos e comportamentos desse grupo a partir de demandas que envolvem a evolução do ser humano e sua sobrevivência, determinando sua base social e sua importância.

Tendo como tema central a Cultura Corporal de Movimento, na Educação Física como área de estudo temos o brasileiro Jocimar Daolio (2004) com um trabalho consistente nessa temática, apoiado também pelos antropólogos já citados Clifford Geertz e Marcel Mauss. O autor afirma que "cultura" é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos.

Quando pensamos acerca da Educação Física como área de conhecimento até um determinado período em nossa história recente tínhamos um encaminhamento de ponto de vista predominantemente biológico do corpo, da atividade física e do esporte. Era impensável fazer relação com os aspectos culturais que envolviam o corpo e suas manifestações. A partir dos debates acadêmicos e de publicações na área no início dos anos 1980 foi que a Educação Física passou a se relacionar com conhecimentos e proposições provenientes de outras áreas, como a sociologia, a história, a filosofia e a antropologia.

Segundo Silva, Rufino e Darido (2012) esse aporte sociocultural proporcionou novos paradigmas para a Educação Física, abrangendo conceitos advindos de outras áreas, bem como influências de diferentes escolas filosóficas, sociológicas e até mesmo políticas, modificando o que até então era considerado o papel da Educação Física na escola – o “saber fazer” esportivista – e, por isso, passível de ser transmitido nas aulas.

A partir do que podemos chamar dessa ressignificação da Educação Física, começamos a tecer olhares para saberes e manifestações corporais que já existiam nas aulas de Educação Física, mas não eram analisadas tampouco significadas. Essas relações estavam de certa forma, em um limbo pedagógico.

O que importava anteriormente era o orgânico, o biologicista, o executável, o percebível; que na maioria das vezes tinham que produzir um resultado na seara do quantitativo. O caráter simbólico do corpo que era naturalmente deixado de lado passou a ter significância. O equipamento biológico que todo homem possui permite respostas

gerais que não diferenciariam os vários agrupamentos humanos, mas é a cultura – e uma cultura específica – que o localiza no mundo, permitindo a ele ações organizadas dentro de um contexto determinado, manipulando símbolos, criando sistemas de significados historicamente determinados, enfim, humanizando-os, porque dá forma, ordem e sentido à vida (DAOLIO, 2001, p. 30).

Daolio (2004) chama atenção para o fato de que devemos pensar o corpo humano como dotado de eficácia simbólica, grávido de significados, rico em valores dinâmicos e específicos. Podemos vê-lo a partir do seu significado no contexto sociocultural onde está inserido. Podemos considerar, ao invés de suas semelhanças biológicas, suas diferenças culturais; podemos reconsiderar nossos critérios de análise sobre o corpo, fugindo de padrões preconceituosos que durante muitos anos subjugarão e excluirão pessoas da prática de educação física. Podemos substituir padrões inatistas por critérios mais dinâmicos e culturais na intervenção promovida pela área.

Pensar a educação física a partir de referenciais das ciências humanas traz, necessariamente, a discussão do conceito de "cultura" para uma área em que isso era até há pouco tempo inexistente. Evidentemente, ainda se vê muita confusão no uso da expressão "cultura" na educação física. O termo ainda é confundido com conhecimento formal, ou utilizado de forma preconceituosa quantificando-se o grau de cultura, ou como sinônimo de classe social mais elevada, ou ainda como indicador de bom gosto. Ouve-se ainda com frequência afirmações de "mais ou menos cultura", "ter ou não ter cultura", "cultura refinada ou desqualificada" e assim por diante. (DAOLIO, 2004)

Esse conceito equivocado faz com que as manifestações culturais se afastem das camadas sociais mais populares, principalmente quando se relaciona à cultura como algo mais refinado, culto e exclusivo de classes sociais mais economicamente favorecidas. Outro viés excludente e preconceituoso é aquele em que se julga as manifestações culturais de camadas populares como algo de pouco bom gosto ou de baixa qualidade. Frequentemente isso acontece com práticas corporais, como a dança por exemplo, em que tomemos o exemplo do funk, que durante muito tempo era taxado de forma pejorativa (ainda é, de certa forma) e não alcançava outras camadas da sociedade.

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, ideias,

conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de "significações objetivas". Em face delas, ele desenvolve um "sentido pessoal" que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Bracht (2006) afirma que um universo simbólico de justificação da Educação Física pode e está sendo construído, tendo como carro-chefe a ideia do movimentar-se humano como manifestação cultural, portanto não mais como habitante do mundo natural (dos objetos que não podem ser sujeitos históricos e sim parte da natureza a ser conhecida, modificada, manipulada, enfim, dominada pela razão), mas como habitante do universo simbólico.

Para Betti (2011) a tematização didático-pedagógica das aulas de Educação Física faz-se a partir de sentidos culturais e potencialidades de estimulação do organismo humano que se apresentam nas manifestações corporais (brincadeira, jogo e etc.) ligadas à tradição da Educação Física, tradição esta que se renova (ou deve se renovar, sob pena de desatualizar-se) em consonância com os contextos sócio-históricos, que são mutáveis.

Durante o período de estruturação da pesquisa fomos surpreendidos por um novo contexto sócio-histórico que foi a pandemia deflagrada no planeta da Covid-19, tendo o primeiro caso confirmado do novo coronavírus aqui no país em 26/02/2020, um homem de 62 anos do estado de São Paulo. A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas.(OPAS, 2021)

Em virtude do aumento vertiginoso dos casos de Covid-19 e por consequência dos óbitos também elevados, o país adotou em 20/04/20 o isolamento completo das atividades cotidianas da população, o chamado lockdown. A partir desse momento as aulas no programa de pós-graduação da UFC foram suspensas e depois retomadas de maneira remota. Nossa pesquisa foi substancialmente prejudicada, visto que as aulas na escola em que faríamos a inserção no campo a fim de estabelecer a pesquisa foram suspensas também e vetado qualquer possibilidade de ida presencial à escola que se seguiu no

restante do ano de 2020. No ano de 2021 as aulas voltaram ao modo presencial gradativamente, mas em virtude de nem todos estarem vacinados e os casos ainda estarem em patamares relativamente elevados, não era permitido visitas de pessoas externas ao ambiente escolar usual.

Temos então uma série de relações estabelecidas a partir de autores que procuraram dar um norte à questão da relação entre a Educação Física e a cultura, seja quando falamos de cultura de uma forma geral, como manifestação social, seja em relação a Cultura corporal do movimento e seus desdobramentos teóricos na seara da motricidade humana<sup>3</sup>. É válido ressaltar que nos referimos sempre à perspectiva da Educação Física como uma prática social, em que podemos vislumbrar a possibilidade de uma ressignificação do sujeito a partir das práticas corporais do movimento.

A partir dessas proposições podemos passar a tentar elucidar como a cultura se relaciona com o nosso corpo e com as práticas corporais. Nesse sentido, alguns questionamentos surgiram: Os aspectos culturais podem definir as práticas corporais de interesse dos(as) estudantes presentes nas aulas de Educação Física? Há relação entre os saberes elaborados pelos(as) estudantes e a cultura local a partir das práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar? Os aspectos sócio-econômicos e culturais podem ser determinantes para ampliar, reduzir ou estabelecer o acesso à cultura e suas manifestações corporais? A partir dessas questões então, trataremos a seguir os objetivos do nosso estudo.

De forma mais geral o objetivo do presente trabalho foi analisar a relação entre os saberes elaborados (relacionados) por estudantes nas aulas de Educação Física e o contexto sociocultural local de uma escola pública de Fortaleza.

De forma mais específica o trabalho teve como propósito:

---

<sup>3</sup> A motricidade humana é entendida como uma ciência independente que estuda o ser humano e sua intencionalidade no movimento. A partir dele percebemos o porquê desenvolvemos as produções e decisões da atividade motora

- Descrever os saberes elaborados pelos(as) estudantes e suas implicações nas aulas de Educação Física escolar.

- Investigar quais são as práticas corporais presentes nas aulas de Educação Física e os motivos que levam a participação e envolvimento dos(das) estudantes, a partir de seu contexto sociocultural e identificar quais as práticas corporais de maior interesse dos(das) estudantes fora do contexto escolar e a relação com a cultura local

A seguir temos um quadro em que podemos ver de forma clara e objetiva o panorama geral dos elementos da pesquisa:

### Congruência dos elementos da pesquisa

<b>PARTE 1</b>	<b>TEMA DELIMITADO: A CULTURA LOCAL E AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO DE CASO DE UMA ESCOLA NA CIDADE DE FORTALEZA/CE</b>			
	<b>METODOLOGIA: ABORDAGEM:</b> Pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994); <b>MÉTODO:</b> Estudo de caso (YIN, 2005);			
	<b>PROBLEMA:</b> como a cultura se relaciona com o nosso corpo e com as práticas corporais?  Existe relação entre os saberes elaborados (relacionados) por estudantes nas aulas de Educação Física e o contexto sociocultural local?			
	<b>OBJETIVO GERAL:</b> Analisar a relação entre os saberes elaborados (relacionados) por estudantes nas aulas de Educação Física e o contexto sociocultural local de uma escola pública de Fortaleza.			
<b>PARTE 2</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>QUESTÕES NORTEADORAS</b>	<b>CATEGORIAS</b>	<b>GERAÇÃO DE DADOS</b>
	- Descrever os saberes elaborados pelos(as) estudantes e suas implicações nas aulas de Educação Física escolar.	Há relação entre os saberes elaborados pelos(as) estudantes e a cultura local a partir das práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar?	Saberes elaborados	Questionário
	- Investigar quais são as práticas corporais presentes nas aulas de Educação Física e os motivos que levam a participação e	Os aspectos culturais podem definir as práticas corporais de interesse dos(as) estudantes presentes nas aulas	Práticas corporais a partir do contexto sociocultural (motivações)	Questionário (questões) e entrevista semi-estruturada

	envolvimento dos(das) estudantes, a partir de seu contexto sociocultural	de Educação Física?		com o professor
	- Identificar quais são as práticas corporais de mais interesse dos(das) estudantes fora do contexto escolar e a relação com a cultura local	Os aspectos sócio-econômicos e culturais podem ser determinantes para ampliar, reduzir ou estabelecer o acesso à cultura e suas manifestações corporais?	Práticas corporais e cultura local (fora da escola)	Questionário

O presente trabalho de dissertação foi estruturado da seguinte forma: para o desenvolvimento e conseguinte leitura apresentaremos cinco tópicos que darão continuidade a esta pesquisa. Inicialmente, apresentamos, no segundo capítulo, os percursos metodológicos do presente estudo, o tipo de pesquisa, a caracterização dos sujeitos participantes, os instrumentos utilizados e a descrição do trabalho realizado para a análise dos dados.

No terceiro capítulo, partimos para uma busca e aprofundamento na busca dos referenciais teóricos que tratam da cultura e a relação com a Educação Física escolar, propondo um mapeamento a partir da produção acadêmica nos periódicos nacionais, que vai abordar um estudo mais detalhado de como se encontra as publicações sobre a temática em um determinado período.

No capítulo quatro nos debruçamos sobre o arcabouço teórico que envolve as questões da Educação Física escolar e a relação com a cultura; do conceito da Cultura Corporal de Movimentos, seus expoentes teóricos, suas implicações e trajetórias.

No capítulo cinco, apresentamos os resultados obtidos a partir da pesquisa e discutimos os dados a partir da problematização levantada pelo presente trabalho.

No sexto e último capítulo apresentamos nossas considerações sobre as etapas vivenciadas na pesquisa, percalços, impressões e conclusões acerca de todo o processo.

Desenvolver esta pesquisa sobre a cultura local e as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar é abordar essa relação ainda pouco explorada, objetivando entender os meandros dessa relação, e buscando obter resultados que fomentem e enriqueçam o debate sobre o tema.



## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta etapa do estudo, propomos os percursos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa. A presente pesquisa seguiu um itinerário metodológico de natureza qualitativa, tendo como metodologia principal para geração dos dados a pesquisa com inspiração etnográfica que privilegiou o caráter relacional entre e com as pessoas do campo em questão, no caso, a escola. Uma pesquisa qualitativa segundo GODOY (1995) possui as seguintes características: não tem por fundamento enumerar e/ou medir eventos estudados, tampouco utiliza instrumentos estatísticos na análise de dados; esse tipo de pesquisa e análise envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação que se pretende estudar.

GODOY (1995), afirma ainda que a abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

A pesquisa documental se caracteriza pelo estudo de fontes primárias documentais, ou seja, dados e informações que ainda não foram analisados nem tratados de forma científica. Relatórios, tabelas estatísticas, jornais, revistas, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, entre outros, são exemplos de fontes diversas documentais que podem vir a estruturar uma pesquisa.

A pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial (GODOY, 1995)

O estudo de caso é um método de pesquisa que utiliza dados qualitativos, coletados a partir da realidade, de fatos ou eventos reais, com o intuito de explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto.

Segundo GODOY (1995) o estudo de caso tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real. Enquanto técnica de ensino, procura estabelecer relação entre a teoria e a prática. Ainda segundo a autora, tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.

A etnografia ou pesquisa etnográfica é uma metodologia de pesquisa em que o principal foco é o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais, através da coleta de dados e das observações realizadas durante o período da pesquisa são definidas as características etnográficas do grupo social em questão.

Para GODOY (1995) a pesquisa etnográfica abrange a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo) e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo. O trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica, pois sem um contato intenso e prolongado com a cultura ou grupo em estudo será impossível ao pesquisador descobrir como seu sistema de significados culturais está organizado, como se desenvolveu e influencia o comportamento grupal.

Nesse trecho da descrição do percurso metodológico abrimos um parêntese para falarmos sobre o atual momento que vivemos no país, a partir da pandemia da Covid-19 e a consequente quarentena e interrupção de várias atividades e serviços, entre eles o ensino presencial de uma forma geral. Nossa pesquisa, como já se pôde perceber está calcada no contato com os sujeitos objetos da pesquisa, no caso os estudantes. No momento em que escrevo essas linhas, as aulas presenciais ainda estão interrompidas funcionando apenas de forma remota. A flexibilização da quarentena por parte dos órgãos competentes em relação as atividades presenciais no ensino está se iniciando agora e de forma gradual, com apenas algumas turmas voltando e com capacidade reduzida. Dada a incerteza desse cenário foi necessária uma mudança de rumo em relação ao percurso metodológico, já que a inserção no campo de pesquisa de forma presencial não foi viável do ponto de vista da segurança sanitária em virtude da situação ainda crítica da pandemia da Covid-19 em nosso país.

É importante também lembrarmos aqui de forma breve sobre o surgimento do Corona Vírus no mundo, pois o trabalho foi afetado de sobremaneira por esse fato.. No final do ano de 2019 a cidade de Wuhan localizada na China começou a apresentar casos de uma nova doença que hoje mundialmente conhecemos como COVID-19, os casos desta doença vieram aumentando gradativamente já no ano de 2020, e ainda no primeiro semestre do mesmo ano começaram a surgir casos de COVID-19 no Brasil, fazendo com que as autoridades tomassem medidas de isolamento social severo (lockdown) para conter o vírus, proibindo assim por completo atividades presenciais de todos os tipos, como relacionadas ao trabalho e educação, sendo permitido somente atividades consideradas essenciais.

Veremos a seguir uma linha temporal situando a pesquisa e a relação com a deflagração da pandemia da Covid-19. Esse marco temporal se faz necessário a fim de que o leitor desse texto consiga visualizar os meandros da presente pesquisa e os motivos pelos quais a pesquisa começou de uma maneira e forçadamente teve seus rumos alterados pelo cenário da pandemia da Covid-19 em nosso país.

Agosto/2019	Início do Curso de Mestrado
Março/2020	Pandemia da Covid-19 no Brasil (primeiro lockdown)
Agosto/2020	Qualificação do texto de Dissertação
Setembro/2020	Estudo de campo na escola - <b>SUSPENSO</b>
Janeiro/2021	Alteração do percurso metodológico
Agosto/2021	Início da aplicação dos questionários via <i>Google Forms</i>
Outubro/2021	Produção do texto final
Fevereiro/2022	Análise dos dados gerados e produção do texto final
Julho/2022	Apresentação da Dissertação

A partir desse cenário então optamos pela metodologia do estudo de caso em detrimento da pesquisa etnográfica, já que não poderíamos nos inserir no campo de pesquisa propriamente dito, as salas de aula e as quadras e espaços esportivos. A estratégia definida para a geração dos dados empíricos foi constituída de utilização de técnica de investigação, por meio de questionário enviado aos participantes via ferramenta google forms . Na pesquisa qualitativa, a utilização de diferentes métodos e técnicas procura assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão, trazendo maior credibilidade à pesquisa. A opção pela entrevista semi-estruturada se faz acertada quando vemos que as perguntas nesse formato propiciam uma abertura maior por parte do entrevistado, favorecendo ao pesquisador adentrar no universo do entrevistado, que no caso é um dos objetivos da pesquisa antropológica.

Segundo Gil (2009) os estudos de campo costumam utilizar técnicas variadas de coletas de dados, dessa forma os procedimentos de análise costumam ser em sua maioria qualitativos. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que irão nortear a investigação. Esse processo pode ser definido como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e redação do relatório, afirma GIL (2009, p.133).

## **2.1 INSTRUMENTO NORTEADOR**

O questionário foi o método principal utilizado na presente pesquisa, e entre todas as abordagens técnicas é a mais usual no trabalho de campo, em razão da praticidade em sua aplicação e a fidedignidade dos dados coletados ser mais facilmente alcançada devido a características inerentes ao procedimento. Segundo Ribeiro (2008), o anonimato garantido, a uniformidade de questões padronizadas, objetivas e de fácil pontuação, o baixo custo e a facilidade das conversões dos dados para arquivos de computador são as vantagens em utilizar essa técnica de geração de dados.

A técnica da aplicação de questionários, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o

conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Segundo Freire (1980) compreender o mundo, ter consciência dele, interpreta-lo são, portanto, acontecimentos que se efetivam na linguagem, porém, a linguagem em si não produz transformação. Ao indagar-se o ser humano desperta potencialidades e mobiliza sua capacidade de optar, de decidir, de escolher.

A preocupação em investigar os sujeitos tem motivação a partir da observação de que a presença da diversidade nos dias de hoje, configura novas formas de interação e comunicação entre os sujeitos, de uma mesma cultura ou não, configurando assim novos processos identitários. A construção de uma cultura está repleta de elementos e significados que vão identificar esse povo como pertencente a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras comunidades, surgindo assim, a identidade cultural.

A entrevista semi-estruturada foi o outro método utilizado na presente pesquisa, desta vez realizada não com os alunos, mas sim com o professor de Educação Física responsável pelas aulas de Educação Física dos estudantes participantes da pesquisa. A opção por essa entrevista com o professor se fez necessária para entendermos o ambiente e contexto da escola participante da pesquisa, visto que a visita presencial à escola não foi possível como já dito anteriormente, além de dar mais referência e robustez ao estudo de caso.

Para Minayo (2009) a entrevista semi-estruturada é um método que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada.

A análise dos dados na pesquisa qualitativa foi o passo seguinte ao questionário, período esse que o pesquisador se confrontou com aspectos dessa fase exploratória da pesquisa que irão de acordo com sua fundamentação teórica proporcionar subsídios para confirmar os pressupostos da pesquisa e/ou responder os questionamentos formulados no cerne de sua pesquisa. O arcabouço teórico da pesquisa e os dados da pesquisa por vezes não são suficientes para se estabelecer conclusões e deve-se retornar a uma nova observação dos dados e avaliar se será necessário realizar nova coleta para suplementar as informações que faltam. Em outras ocasiões, os dados são suficientes, mas o problema

e/ou hipótese não estão claramente definidos. Superadas essas intercorrências, ou se elas não se configurarem e os dados estiverem positivamente referendados, o trabalho então se encontra realmente na fase da análise de dados.

## **2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Os(as) participantes desta pesquisa foram 63 estudantes de uma escola de ensino médio localizada no bairro Henrique Jorge. O professor de Educação Física Andre Agassi (codinome) da referida escola atuou em conjunto com o pesquisador na mediação da aplicação do questionário aos estudantes que compuseram a amostra. Foi utilizado o recurso eletrônico conhecido como *Google Forms*, para enviar os formulários eletrônicos via internet para os participantes, contendo o questionário (encontrado na íntegra no apêndice) que estrutura o trabalho da presente pesquisa. O Google Forms é uma ferramenta gratuita de criação de formulários on-line disponível para qualquer usuário que possui uma conta Google e ainda pode ser acessado por meio de multiplataformas, incluindo tablets, notebooks e celulares.

Um dos critérios de escolha da escola foi a atuação do professor Andre Domingues (codinome) tendo recebido inclusive um prêmio nacional por suas estratégias e práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula. O outro critério foi o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), sua classificação varia de 0 a 1, quanto mais próximo de 1 melhor o nível de desenvolvimento humano e, em sentido contrário, quanto mais próximo de 0 pior o nível de desenvolvimento. A escola está localizada no Bairro Henrique Jorge, que possui o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,34 o que é considerado na escala de de IDH como baixo, ocupando a 60º posição no ranking por bairros aqui na cidade de Fortaleza.

A referida escola possui cerca de 1100 alunos nos três turnos, sendo pela manhã e pela tarde, doze turmas, sendo quatro turmas para cada ano do ensino médio. No período da noite são três turmas, uma de cada ano do ensino médio regular mesmo, não há turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) na escola. Atualmente o corpo docente é composto de trinta e cinco professores, entre efetivos (maioria) e temporários, além de cerca de doze funcionários, de administrativo/secretaria, merenda e zeladoria. O núcleo gestor é composto por três professores que ocupam a coordenação e um professor que

ocupa a direção. As turmas de 1º ano iniciaram esse ano o novo ensino médio e tem, portanto, 6h/aula por dia. Já 2º e 3º do currículo antigo ainda são 5h/aula. Na escola há projetos esportivos de futsal, vôlei e lutas. Anterior a pandemia havia banda marcial, quadrilha e equipe de olimpíada de ciências, mas esse ano ainda não conseguiram retomar as atividades por completo..

Segundo Hartley (1994), o estudo de caso consiste em uma investigação detalhada, com a coleta de informações de um ou mais grupos, com a visão de conseguir analisar o contexto e os processos envolvidos no fenômeno de estudo. A partir da problematização da pesquisa e dos objetivos da pesquisa e levando em conta o cenário de aulas remotas entendemos que a opção mais certada seria o estudo de caso, metodologia essa que mais se conectaria com os objetivos da pesquisa e nos traria respostas acerca do tema pesquisado. Além disso, através do estudo de caso a partir da entrevista era um modo de entrarmos em contato com as opiniões e ideias dos estudantes mesmo estando a distância dos mesmos, facilitando e diversificando assim uma pesquisa que passou por percalços devido a agentes externos (pandemia).

Segundo Parasuraman (1991), o questionário é um conjunto de questões feito com o fim de gerar os dados necessários para se atingirem os objetivos de um projeto, sendo muito importante na pesquisa científica, especialmente nas Ciências Sociais. Embora não exista uma metodologia padrão, o questionário precisa ser formulado de modo a atender ao objetivo do trabalho. O questionário da presente pesquisa possui onze questões, sendo nove questões fechadas de múltipla escolha e duas questões abertas. Está dividido em três blocos principais: dados de identificação, questões sobre as aulas de Educação Física antes da pandemia e questões sobre a Educação Física no contexto da pandemia da Covid\_19.

A escola conta com um espaço físico reduzido para as aulas de Educação Física: há somente uma quadra, que esteve em reforma durante um período, que é utilizada de forma alternada com um pequeno pátio onde as aulas de características consideradas mais práticas (aquelas em que se exigiam maior deslocamento e movimentação em determinado espaço), eram realizadas. As aulas de Educação Física no Ensino Médio, nessa escola, ocorrem uma vez por semana, com duração de 50 minutos por aula.

O professor Andre Domingues (codinome) é formado em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará e está há oito anos nessa escola, data em que entrou para

o quadro de servidores da Secretária de Educação do Estado do Ceará, mediante concurso público. Como citado anteriormente ele foi condecorado com um prêmio\* em âmbito nacional por um projeto realizado na escola em que se valorizava novas estratégias de ensino visando contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. O projeto foi realizado com as 20 turmas de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, nos três turnos (manhã, tarde e noite). A ideia principal do educador não era a de que o estudante conheça cognitivamente uma manifestação da Cultura Corporal de Movimento, mas que efetivamente a vivenciasse com seu corpo o máximo possível. Para isso, dividiu os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento por bimestres para desenvolvimento da ação da forma mais completa possível. Há dois bimestres, por exemplo, para os jogos e os esportes populares e de massa; coletivos e individuais; de oposição, de marca, de rede divisória e diálogos relacionados (diferenças, semelhanças, importância na vida social e afetiva, técnicas individuais, tática e a equipe, esportivização, opressões no jogo e no esporte etc.). Nos outros bimestres, os alunos vivenciaram atividades relativas às demais temáticas abordadas na disciplina, como ginástica, danças, lutas e aventura.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional (no nosso caso, local). O IDH também é usado por organizações locais ou empresas para medir o desenvolvimento de entidades subnacionais como estados, cidades, aldeias, etc. O índice foi desenvolvido em 1990 pelos economistas Amartya Sen e Mahbub ul Haq, e vem sendo usado desde 1993 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no seu relatório anual. (PNUD, 2018)

Nesse sentido, tomamos como base para parâmetros locais um estudo de 2014 da Prefeitura de Fortaleza, feito pela Secretária de Desenvolvimento Econômico (SDE) com base no Censo Demográfico do IBGE de 2010 e com metodologia adotada pelas Organizações das Nações Unidas (ONU).



A presente pesquisa utilizou como estratégia norteadora a análise temática de conteúdo para aprofundar os resultados e discussões, que foram obtidos através de questionários disparados via formulário Google Forms, sendo realizado no período de 15 de agosto a 25 de agosto de 2021. Posto isso Bardin (1977) afirma que essa técnica enquanto método de organização e análise dos dados possui algumas características. Primeiramente, aceitasse que o seu foco seja qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos. .A partir do itinerário metodológico aqui descrito foram analisados os dados gerados com intenção de sedimentar a presente pesquisa e procurar responder as inquietações acerca do tema objetivado. Além das técnicas de pesquisa e geração de dados citadas anteriormente, foi feita uma busca sistemática em periódicos com intenção de fundamentar de forma consistente as questões abordadas nas entrevistas.

### 3. MAPEANDO OS ESTUDOS QUE TRATAM DA CULTURA

Cultura é um conceito essencial para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se de formas diversas e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos. O professor de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (DAOLIO, 2007).

Para a Educação Física, o termo “cultura” apresentou-se como um marco diferencial a partir do momento em que contribuiu de forma substancial para o processo de ruptura com a visão biologicista que permeava a área até o começo da década de 1980. Até então tínhamos um encaminhamento de ponto de vista predominantemente biológico do corpo, da atividade física e do esporte. Não era objetivado fazer relação com os aspectos culturais que envolviam o corpo e suas manifestações. A partir dos debates acadêmicos e de publicações na área no início dos anos 1980 foi que a Educação Física passou a se relacionar com conhecimentos e proposições provenientes de outras áreas, como a sociologia, a história, a filosofia e a antropologia.

Daolio (2004) afirma também que podemos considerar a dimensão cultural como constitutiva da dinâmica humana. Essa dimensão se materializa nos corpos dos próprios sujeitos de cada contexto social quando demonstram interesse nos processos socioculturais, reproduzem símbolos identitários e ressignificam a ideia de corpo dentro de uma relação entre o local onde vivem e os outros sujeitos. Surgindo assim uma visão oposta à visão tradicional da Educação Física, onde não há dimensão física separada das dimensões biológica, cultural, social e psíquica.

Segundo Silva, Rufino e Darido (2012), o conceito de cultura difundido na área da Educação Física escolar é muito abrangente, tendo em vista que o termo pode tomar diferentes caracterizações e englobar diversas acepções, umas mais universalistas, outras mais particularistas, dependendo do contexto no qual está inserido sem, com isso, excluir

a outra concepção, permitindo que elas possam coexistir, sendo constantemente ressignificadas.

Através do tempo, o conceito de cultura passou por diferentes definições e escolas de pensamento que modificaram e ressignificaram os sentidos do termo, empregado e caracterizado em situações diversas. É a partir da concepção de que o homem possui uma natureza cultural e de que ele se apresenta em situações sociais específicas que se chega à ideia de que o que caracteriza o ser humano é justamente a sua capacidade de singularização por meio da construção social de diferentes padrões culturais (DAOLIO, 1986).

Na perspectiva da Educação Física há diferentes entendimentos sobre o conceito de cultura ao ser citado em diversas produções os termos: cultura corporal, cultura corporal de movimento e cultura de movimento. A princípio os três termos são equivalentes, o que eles têm em comum na verdade é o entendimento do termo que é objeto de estudo de nossa pesquisa, a cultura. A partir de conexões da semântica com a epistemologia da construção dos três termos citados, alguns autores fazem a defesa do termo relativo à cultura que optam por adotar em suas obras.

Kunz (1994) afirma que a Cultura do Movimento tem por premissa a tentativa de englobar todas as atividades do movimento humano, tanto no esporte como em atividades extra-esporte e que pertencem à esfera do se-movimentar humano; tudo que o ser humano cria no seu meio de acordo com sua conduta, seu comportamento e resistências sofridas à essas ações. O autor opta por essa definição por entender que a expressão corporal na frase seria redundante, visto que toda cultura é, em uma última instância uma manifestação corporal.

Alguns autores como Bracht (2006) chamam atenção para uma questão conceitual acerca dessas denominações; o termo Cultura Corporal exclui a palavra movimento, o que pra muitos é o termo que contempla a especificidade da Educação Física. Para o autor, o conceito de movimento está intimamente ligado à Educação Física em razão de ser o principal conceito do qual a área se apropria e faz dele seu objeto principal de estudo e norteador das ações da disciplina como parte das ciências humanas.

Betti (2011) afirma que a tematização didático-pedagógica na Educação Física faz-se a partir de sentidos culturais e potencialidades de estimulação do organismo humano que se apresentam naquelas manifestações (brincadeira, jogo e etc.) ligadas à

tradição da Educação Física, tradição esta que se renova (ou deve se renovar, sob pena de desatualizar-se) em consonância com os contextos sócio-históricos, que são mutáveis.

Betti (2011) enuncia ainda que é “científica” toda pesquisa que estiver aberta a novas argumentações que possam “tensionar” os princípios, conceitos, afirmações e interpretações que a constituem. Outra característica é que o processo da pesquisa seja público, o que possibilita a sua replicação ou ressignificação por parte de outros atores que não os autores originais da pesquisa. Não pretendemos aplicar de modo exaustivo tal entendimento - que com certeza não é original, está presente nas reflexões de muitos pensadores importantes no âmbito da filosofia da ciência - na análise dos estudos em Educação Física escolar.

Esse trabalho é um estudo de revisão, uma espécie de estado da arte, que analisa a produção acadêmica nos periódicos nacionais da área da Educação Física, sobre a cultura e sua relação com a Educação Física. Selecionamos as publicações que tratavam fundamentalmente dos aspectos pedagógicos dos diferentes conceitos de cultura. O objetivo foi oferecer uma revisão sistemática da produção do conhecimento sobre a cultura veiculada em quatro periódicos da Educação Física brasileira (*Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Movimento, Pensar a Prática e Motrivivência*). A opção foi avaliar, em termos quantitativos e qualitativos, o conhecimento disponível sobre a cultura relacionada ao campo de conhecimento da Educação Física, procurando assim oferecer uma visão maior sobre essa temática que é o nosso objeto de pesquisa.

Foi realizada uma revisão sistemática que para Siddaway, Wood e Hedges (2018) são estratégias caracterizadas por uma metodologia e apresentação metódica e replicável. Envolve uma pesquisa abrangente para localizar todo o trabalho relevante publicado e não publicado sobre um assunto; uma integração sistemática dos resultados da pesquisa; e uma crítica da extensão, natureza e qualidade da evidência em relação a uma questão de pesquisa específica. O recorte temporal para a revisão foi de dez anos, escolha essa feita em virtude da maior produção de forma geral por parte dos periódicos escolhidos nessa delimitação de tempo que compreende o período de 2010 à 2019. A análise incluiu artigos que analisaram a relação cultura e Educação Física escolar.

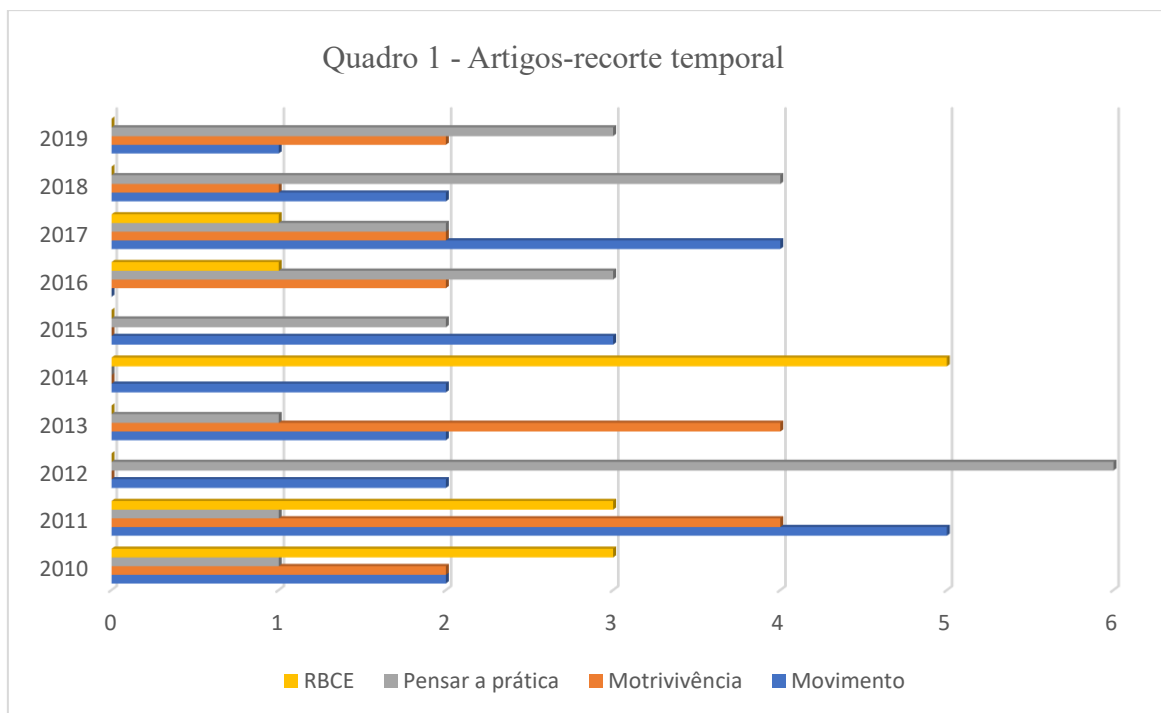
A etapa inicial da pesquisa consistiu no levantamento de dados, em que foram acessados os periódicos *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Movimento, Pensar a Prática e Motrivivência*, a partir de seus endereços eletrônicos, chegando então as edições

compreendendo o arco temporal escolhido. Os critérios de escolha das revistas foram: ter publicação na área de Educação Física escolar e classificação no sistema WebQualis entre A1 e B2. Foram contemplados na busca sistemática os artigos originais, ensaios e artigos pertencentes a seções temáticas, escritos em língua portuguesa; excluindo editoriais, resenhas e homenagens. No processo de triagem dos trabalhos foi utilizado o descritor “Cultura” presente no texto, no título e/ou nas palavras-chave, sempre utilizando a íntegra do artigo como critério. Desse modo foram encontrados 558 artigos, entre 2.382 publicados nos quatro periódicos citados no recorte temporal descrito.

Na fase seguinte, os artigos foram agrupados em categorias para tornar a discussão mais didática. As contribuições de cada artigo foram analisadas através de uma análise interpretativa. A seguir serão apresentados os resultados da busca.

Após o levantamento dos 558 artigos foram selecionados 74 artigos para uma análise mais aprofundada, a partir de categorização dos mesmos. Para chegar a esta amostra reduzida, seguimos dois critérios de seleção: 1) tratar da “cultura” como conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais e/ou do conceito de “Cultura Corporal do Movimento (optamos por esse termo por entendermos que do ponto de vista epistemológico é o mais adequado e abrange mais trabalhos); 2) tratasse da Educação Física escolar e/ou de suas manifestações corporais

O gráfico a seguir mostra o panorama do número de artigos publicados nos periódicos em razão do recorte temporal.



Fonte: elaborado pelo autor

Utilizando as categorias gerais estabelecidas por Bratch et al. (2011), em que os trabalhos são classificados como de: Fundamentação, Diagnóstico/descrição e Intervenção, estabelecemos a primeira categorização no presente trabalho.

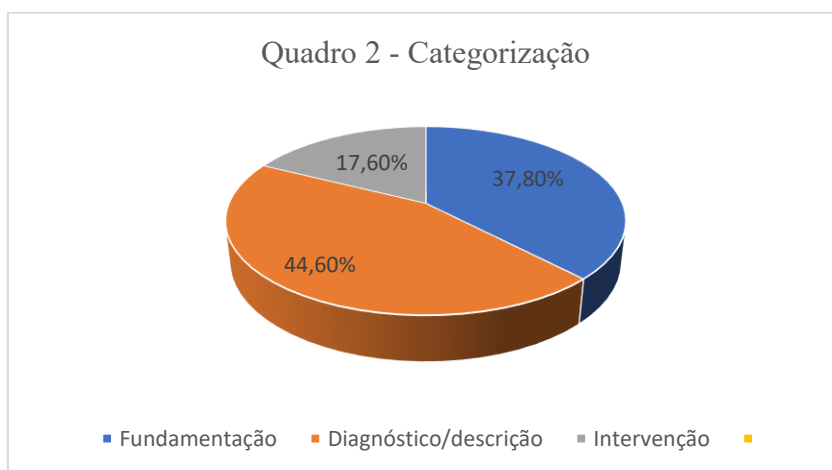
Segundo Bracht et al. (2011) Os artigos que compõem a categoria Fundamentação dizem respeito àqueles que, em alguma medida, buscam lançar os alicerces teóricos para a construção de uma determinada Educação Física Escolar. São trabalhos que, procuram, por meio de distintos referenciais, fornecer e/ou problematizar as bases teóricas sobre as quais a prática pedagógica dessa disciplina deve ser/é construída, assim como questionar, além disso, aspectos fundantes de elementos que a perpassam, por exemplo, os conteúdos de que trata. Nos apoiaremos nessa categoria para identificarmos trabalhos que contribuam para a problematização das bases teóricas da Educação Física e que tenha relações com os processos culturais.

A segunda categoria denominada de Intervenção segundo Bracht et al. (2011) engloba artigos que reúnem questões afetas à ação pedagógica. Nessa categoria podem ser incluídos os escritos que abordam diretamente a materialização da prática pedagógica, ou seja, a aula acontecendo a partir do que se planejou. Pode ser incluído também textos sobre métodos de ensino; Conteúdos e seu trato didático-pedagógico e Avaliação. Currículo/organização curricular e Formação correspondem àqueles trabalhos que

tematizam questões que antecedem a realização das aulas. Textos que têm se ocupado de aspectos/elementos que, na escola, influenciam o trabalho dos docentes podem se enquadrar também. Utilizaremos essa categoria para refletir sobre artigos que descrevam a utilização dos processos culturais para a contribuição nas ações pedagógicas do professor.

A categoria de número três, Diagnósticos/descrições, por Bracht et al. (2011) abarca os estudos que buscam oferecer um panorama acerca de temáticas específicas da Educação Física Escolar, geralmente, a partir da realização de pesquisa empírica e/ou de relato de experiência. São artigos sobre concepções de corpo, esporte e saúde; Diagnósticos de contextos (mapeamentos/descrições de elementos distintos). A partir das categorias propostas por Bracht, a que se refere a Diagnósticos/descrições, será adotada por nós para identificar os estudos que visa, oferecer um panorama das temáticas específica da cultura na educação física escolar

Partindo da classificação anterior encontramos a seguinte divisão entre as categorias: 28 (37,8%) artigos se enquadram na categoria fundamentação; 33 (44,6%) foram de diagnóstico/descrição e 13 (17,6%) se configuram como sendo de intervenção. Os artigos quase que em sua totalidade são de natureza qualitativa, 66 (89,2%) quando falamos em relação à abordagem metodológica do estudo e da correspondente pesquisa.



Fonte: elaborado pelo autor

Desenvolvendo a busca sistemática de forma mais aprofundada no tema cultura, chegamos à proposição de uma sub-categoria específica para analisar a partir de que conceito de cultura foi escrito cada artigo. A partir dos achados nos periódicos foram elencadas três categorias de artigo em que se enquadravam os trabalhos: os que se propunham a falar sobre o conceito de Cultura Corporal de movimento e suas variações epistemológicas do termo; os que tratavam da relação cultura (incluindo sub-conceitos) e Educação Física e os que descreviam a cultura como manifestação corporal artística ou esportiva (dança, artes marciais, etc) na Educação Física escolar, o que Bracht (2011) define como as relações da cultura escolar. A seguir descrevo e destaco passagens importantes na busca sistemática a partir dessas categorias elencadas acima.

Nessa seção apresentaremos os resultados encontrados a partir da análise dos 77 artigos, bem como sua discussão. Foram elaboradas as seguintes categorias: 3.1 Cultura Corporal de Movimento, 3.2 Cultura e Educação Física e 3.3 Cultura como manifestação corporal, artística ou esportiva; a partir dos temas propostos nos artigos citados acima.

### **3.1 Cultura Corporal de Movimento**

Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? Em princípio qualquer um, desde que cultura, apesar de que estes termos refletem perspectivas teóricas distintas mesmo tendo o termo cultura sendo comum a todas, ou seja, desde que se coloque o peso maior neste conceito que, no meu entendimento, indica uma construção nova de nosso “objeto” é o de cultura. É ele que melhor expressa a ressignificação mais importante e a necessária desnaturalização do nosso objeto, que melhor reflete a sua contextualização sócio-histórica (BRACHT, 2005). O autor expõe a relevância dos termos e como devem ser encarados, a partir do termo principal, que é a cultura.

A partir disso temos os artigos de maior relevância na categoria “Cultura Corporal de Movimento”, ou seja, os artigos que se propuseram a tratar dessa temática, a partir da busca nos periódicos. Essa categoria é composta por 12 artigos principais que serão discutidos a seguir.

NASCIMENTO (2018) aborda a relação com os conteúdos e afirma que uma proposição sobre os objetos de ensino da Educação Física depende, fundamentalmente,



da análise que fazemos sobre as atividades da cultura corporal. O critério pedagógico geral que destacamos para essa análise refere-se à sistematização daqueles significados que explicitem a particularidade formativa de cada uma das atividades da “cultura corporal”, sintetizando os problemas fundamentais com os quais os sujeitos devem se engajar na dança, no jogo, na luta, na ginástica etc.

TEIXEIRA e DIAS (2011) dissertam sobre a necessidade histórica da cultura corporal e sua relação com o capital. Enunciam que as práticas corporais precisam contribuir com o processo de emancipação humana, sendo de fundamental importância combater as teorias que irão dissociar a educação e a cultura corporal das relações de produção, pois essas, ao contrário do que dizem, possuem um posicionamento político definido que visa manter a classe trabalhadora sob os ditames do capital.

MACIEIRA, MATA e HERMIDA (2011) discutem a cultura corporal como objeto de estudo em referenciais curriculares. A partir disso constataram que professores e consultores consideraram a abordagem crítico-superadora como aquela que dá conta de responder às necessidades do cotidiano escolar e de garantir aos alunos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado historicamente pela humanidade. Afirmam ainda que esta abordagem admite para a reflexão pedagógica algumas características específicas no trato com o conhecimento, a saber, diagnóstica, judicativa e teleológica.

No entendimento de Macieira, Mata e Hermida (2011), observa-se um avanço teórico e uma provável perspectiva de elevação do padrão cultural dos alunos, tendo em vista que estarão submetidos a uma perspectiva de ensino que tem como finalidade a socialização do conhecimento produzido historicamente pela humanidade na sua vida em sociedade. São justamente esses conhecimentos na perspectiva da cultura corporal que permitem o desenvolvimento do pensamento crítico, historicamente sonegado aos filhos da classe trabalhadora.

Franchi (2013) relaciona os jogos tradicionais/populares como conteúdo da Cultura Corporal através de um trabalho de intervenção. Segundo o autor, não há dúvidas de que os esportes são o conteúdo hegemônico na educação física escolar. É a partir de trabalhos como este que podemos começar a construir a imagem menos desportiva desta disciplina, afirmando os jogos aqui tratados, como uma manifestação da cultura corporal a ser resgatada, construída, reconstruída e problematizada na escola com nossos alunos. Considerando que os jogos tradicionais/ populares bem como a dança, atletismo,

atividades na natureza e o esporte são objetos de estudo da cultura corporal, produzidas e transformadas historicamente pelo homem.

Em Barbosa (2013) é estabelecido um diálogo entre as dimensões de conteúdo e a Cultura Corporal a partir de uma teia de relações. A autora afirma que para esse diálogo ser produtivo é fundamental conhecer as transformações na sociedade, vivenciar e adquirir fundamentos básicos das práticas corporais, valorizar o patrimônio das manifestações culturais e a dimensão do conviver. É essencial que a cultura corporal desenvolva a multiplicidade dos conteúdos e de suas práticas, assim como, a inclusão dos educandos dentro dos temas que englobam o jogo, a dança, o esporte, a luta, a ginástica e o conhecimento sobre o corpo em conjunto com os objetivos educacionais da dimensão dos conteúdos, com ênfase nas experiências vividas e o que eles podem construir ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Não se pode deixar de salientar a relação entre a cultura corporal, os pilares da educação e a classificação do conteúdo, que apresentam uma íntima conexão, no momento em que os conteúdos da cultura corporal podem ser trabalhados em toda a sua extensão: no aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver, bem como nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais (BARBOSA, 2013).

Maldonado e Silva (2016) também abordam a questão das três dimensões do conteúdo e a relação com a Cultura Corporal de Movimento, só que a partir do viés do jogo como manifestação cultural. O presente artigo descreve uma experiência pedagógica realizada com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da zona leste do município de São Paulo em que os jogos foram tematizados nas três dimensões do conteúdo com a intenção de estimular o pensamento crítico dos estudantes sobre essa manifestação da cultura corporal de movimento, atendendo ao proposto no projeto político pedagógico da escola. A intervenção teve como objetivo central que os alunos fossem estimulados a refletir, analisar e debater sobre os jogos tradicionais, os cooperativos, os que estimulam as inteligências múltiplas, os realizados pelos seus familiares mais velhos e, também, que os estudantes criassem jogos durante as aulas.

Considerando que o que caracteriza o pensamento crítico é que os alunos se apropriem dos conhecimentos, reelaborem criticamente o que foi aprendido e, como resultado, ampliem o seu repertório cultural e científico buscando melhorar as suas condições de vida, além de respeitar e compreender com maior clareza as lutas de classe,

de gênero e de etnia, pudemos perceber que, ao finalizar o semestre, foi alcançado o objetivo central de desenvolver este tipo de pensamento por meio da tematização dos jogos e sua exploração nas três dimensões do conteúdo (MALDONALDO e SILVA, 2016).

Entender o conceito de cultura corporal e outras denominações que a pressupõem foi exponencial para que se aportasse na compreensão daquilo que Cuche (2002) denomina de concepção universalista de cultura. Esse foi o ponto de partida do trabalho em Silva, Rufino e Darido (2012), a diversidade inserida em uma igualdade: a humanidade – e a concepção particularista de cultura – cada cultura é dotada de um estilo particular que se exprime por meio da língua, das crenças, dos costumes e das artes; e assim, relacioná-las. Foi possível, portanto, perceber que, na Educação Física, o conceito de cultura se apresenta ora em uma aceção mais universalista, ora em uma aceção mais particularista. Isso se deve ao fato de a influência das abordagens socioculturais ter se dado por escolas diferentes, tendo direcionado os autores da área, que, a partir dessas concepções, propuseram formas de compreender o conceito de cultura corporal.

Brasileiro et al. (2016) têm como proposta em seu ensaio analisar o conceito de Cultura Corporal apresentado como objeto de estudo da Educação Física. O trabalho se caracteriza como um estudo de base teórica, elaborado a partir de reflexões sobre o termo Cultura Corporal, buscando refletir sobre como este termo se insere na área de Educação Física ao longo das últimas décadas e confere a esta uma identidade para sua área. Afirmam não se tratar de uma visão dualista, mas de uma perspectiva de que todo conhecimento é fruto da práxis humana, e esta se desenvolve dinamicamente e em meio às interações sociais, sendo expressa em atividades de produção material e não material. Esta última tem nas manifestações da Cultura Corporal uma incidência que a área de Educação Física vem buscando problematizar.

Desta forma, consideramos que a obra do Coletivo de Autores (1992; 2012), ao anunciar o termo Cultura Corporal, lança mão de uma base teórica que explicita a ação humana como expressão da cultural imaterial. Este aporte requer uma matriz científica que transcende o imediatismo dos fenômenos, tendo como seu elemento fundante o trabalho humano, entendido em sua relação entre seres humanos e natureza, permitindo colocar em prática uma perspectiva científica de construção de uma unidade metodológica que contrapõe a lógica do conhecimento fragmentado. Assim, o referencial

teórico-metodológico, na área da Educação Física, permite-nos reconhecer o sujeito como histórico, resultando das relações entre os seres humanos, relações estas articuladas pela linguagem (BRASILEIRO ET AL, 2016).

Para fechar essa categoria selecionei mais um artigo em que os autores não só discorrem sobre, mas também fazem uma defesa apaixonada pela obra Coletivo de Autores, que é a denominação dada aos seis autores do livro Metodologia do Ensino de Educação Física, publicado em 1992. A obra se tornou uma referência importante no campo da produção do conhecimento em Educação Física e é bastante utilizado em trabalhos e pesquisas atuais, se tornando uma leitura obrigatória.

Souza Júnior et al (2011) afirmam e defendem que a cultura corporal se configura dimensão constituinte da produção cultural humana, condicionada histórica e socialmente. Concordam com certa redundância no termo, mas defendem sua permanência como estratégia demarcatória para a confirmação da dimensão corporal humana na cultura.

Pensamos que o grande mérito da obra em apreço e do posicionamento de seus autores, no decorrer da história da Educação Física mais recente, é a elucidação da dialeticidade da dimensão cultural do corpo e do corpo na cultura e mais, particularmente, no reconhecimento da atividade humana que produz tal dimensão e, ao mesmo tempo em que produz a si mesmo, é produzido por ela. Em se tratando da expressão corporal como Linguagem, continuamos a acreditar, fundamentar, argumentar e defender essa como objeto de estudo específico da Educação Física na escola. É esta que traz os sentidos e significados em tratar os diferentes temas da cultura corporal (SOUZA JÚNIOR ET AL, 2011).

Os achados encontrados nesses artigos apontam para uma busca por parte dos autores de uma contextualização do conceito de Cultura Corporal do Movimento, disparando uma reflexão de como o termo se insere dentro da Educação Física escolar; de uma reafirmação da sua característica plural, como produção cultural humana, social e histórica; e de uma relação com o pensamento crítico, em que os sujeitos ressignifiquem criticamente os conteúdos, ampliando assim seu arcabouço cultural, social e humano.

### 3.2 Cultura e Educação Física

A manifestação dos processos culturais é relevante para a Educação Física, pois a escolha de como cada pessoa se manifesta em relação ao seu corpo evidencia suas influências, vivências e aprendizados dos saberes culturais e dos saberes ligados à cultura do corpo. Investigar a relação entre a cultura e a Educação Física é tentar entender essa manifestação. Nessa categoria temos os artigos de maior relevância na categoria Cultura e Educação Física, ou seja, os artigos que se propuseram a tratar dessa temática, a partir da busca nos periódicos. Essa categoria é composta por 11 artigos principais que serão discutidos a seguir.

A educação física escolar é um campo de intenso debate acadêmico e parte deste esteve vinculada às diferentes funcionalidades e objetivos da educação física escolar. Durante as décadas de 1970 e 1980, o debate se caracterizou pela luta em afirmar propostas que (re)orientassem o caminho que a educação física deveria trilhar na escola. De modo geral esse debate inovou ao trazer a crítica aos diferentes modelos pedagógicos da educação física, no sentido de apresentar o “modelo ideal” que atenderia às demandas do presente, formando o cidadão que buscaria justiça, igualdade e democracia. Partindo disso, Moura e Soares (2012) tem como objetivo em seu artigo compreender os dilemas, possibilidades e limites enfrentados pela educação física em duas instituições escolares com propostas consideradas distintas. A partir do método etnográfico, resultados apontaram que embora o debate acadêmico as identifique como distintas, os currículos em ação aproximam as duas realidades. Concluíram que as duas propostas pedagógicas são bem-sucedidas na medida em que representam construções práticas do conhecimento acumulado na área e respostas aos principais dilemas da intervenção da educação física na escola.

Bianchi e Pires (2015) debruçam seus olhares para a relação entre a cultura digital e a formação de professores de Educação Física. Em seu artigo, os autores afirmam que propostas educativas no âmbito das TICs desenvolvidas no curso de Educação Física são poucas, sendo ainda mais escassas aquelas realizadas na perspectiva crítica e/ou produtiva da mídia-educação. Com exceção da inclusão de componente curricular específico que torna obrigatória a introdução das questões envolvendo as TICs e a cultura digital, essa pesquisa mostrou que a contextualização da temática em outros componentes curriculares e em práticas pedagógicas desenvolvidas em outras esferas do currículo parece estar mais

vinculada ao interesse pessoal e das apropriações sociais das tecnologias pelos formadores de professores, e não como resultado de um programa pedagógico instituído e voltado à temática das TICs.

Garnier e Mello (2015) se propõem analisar os objetos esportivos na cultura infantil, através de suas dimensões e representações. Para os autores, os objetos são indispensáveis para se tornar tangíveis às competências motoras das crianças, ligados ao seu engajamento na ação e suas competências interpretativas ligadas às representações daquilo que é às vezes “esportivo” ou possui “características próprias”. Insistimos aqui sobre a ausência de fronteira rígida que distinguiria, de um lado, o “verdadeiro” material de esporte e, de outro, os jogos e os brinquedos. Parece, ao contrário, que a oferta de produtos joga deliberadamente sobre as fronteiras imprecisas e ambivalentes entre a seriedade dos esportes e a diversão das culturas lúdicas.. Quando, nos tempos recentes, a bola e o *skate* tornam-se objetos digitais e a interface de um captador de movimento ocupa o lugar de uma raquete, este posicionamento teórico parece tanto quanto mais necessário no que se relaciona à compreensão de como as transformações tecnológicas e simbólicas de objetos abrem múltiplas possibilidades corporais. Portanto, o estudo da relação entre as abordagens tecnológicas e corporais da cultura material e as suas dimensões simbólicas e narrativas nos permite compreender a extensão e a renovação constante das práticas lúdicas e esportivas, especialmente as relacionadas às crianças.

Conceição e Molina Neto (2017) buscam compreender a construção da identidade docente de professores de Educação Física em início de carreira a partir de sua socialização na cultura escolar, a partir de uma etnografia. Tiveram como conclusão do estudo que a construção da identidade dos professores iniciantes atravessa o entendimento sobre os movimentos que tensionam a cultura escolar e se relacionam com a prática educativa nos contextos de ensino-aprendizagem. O movimento de ingresso na docência mostra que o caminho construído pelos professores iniciantes não é linear, não é categorizado a priori. O percurso do professor, no início da docência, é conduzido por fatores socioeconômicos de uma sociedade capitalista, cujo trabalho sofre com a intensificação, condicionando o professor a mudanças de percursos e escolhas. O início da docência ainda se apresenta como um fenômeno que é construído por uma teia de relações (complexidade) que interliga elementos sociais, culturais, de formação pessoal e de atuação.

Ferreira, Daolio e Almeida (2017) produziram um artigo que teve como objetivo compreender como as diferenças e os significados são produzidos nas aulas de Educação Física a partir das dinâmicas culturais infantis, envolvendo os processos de diferenciação que ocorrem no corpo das crianças. Com a possibilidade de se depararem com as diferenciações produzidas e reproduzidas pelas crianças, entendem que estas também estão ligadas às relações sociais que são formadas e estabelecidas entre seus pares. Esta marcação da diferença gera inclusões e exclusões capazes de distinguir o que fica dentro ou fora; do mesmo modo, as classificações hierarquizam o grupo e atribuem diferentes valores aos seus membros. Os autores defendem que a mediação pedagógica deve acontecer com o intuito de facilitar vivências que descaracterizem “lugares” ocupados pelas crianças durante as aulas, além de oportunizar discussões capazes de relativizar as marcas produzidas no corpo dentro e fora da escola. Não basta que as crianças ocupem lugares predeterminados nas aulas, é necessário saber por que ocupam estes lugares e incentivar novas possibilidades.

Os saberes cotidianos das crianças, portanto, não devem estar subordinados ao conhecimento sistematizado da Educação Física, mas devem transformar este encontro em uma relação cíclica: os saberes das crianças devem ser acessados pelo professor, em um trânsito do senso comum ao conhecimento científico, e este deverá propor novos conhecimentos às crianças (FERREIRA, DAOLIO E ALMEIDA; 2017).

Santin (2013) descreve, através de uma hermenêutica visual, a profunda vinculação do esporte com a cultura numa fusão carnal em determinado momento da história humana. Este momento aconteceu a partir da era moderna e continua até hoje. A base desta fusão está na ciência e na tecnologia, os dois pilares da construção da modernidade em todos os sentidos. Apreciar as atividades esportivas faz parte da cultura. O esporte, neste sentido, é colocado no mesmo nível das obras de arte, dos recitais musicais, da literatura, das belezas da natureza, enfim de tudo o que é belo. Trata-se de um espetáculo a ser apreciado, contemplado e admirado. Toda cultura se estrutura sobre um sistema de valores. Graças a esse sistema é possível identificar e uma cultura e diferenciá-la de outras culturas. O esporte faz parte deste sistema e está encarregado de se identificar com os valores comuns. Portanto os esportes ou jogos refletem os valores da cultura vigente.

Reichenbach e Fonseca (2016) buscam com seu artigo compreender como o professor de Educação Física percebe a promoção da cultura de paz no ambiente escolar. O referencial teórico analisa o fenômeno da violência, a violência escolar e suas nuances. Também trata da promoção da cultura de paz, a partir de uma visão que acredita que, se a cultura da violência se constrói cultural e socialmente, a cultura de paz pode vir a ser construída, a partir de ações intencionais. O estudo demonstrou que a compreensão dos professores sobre a violência está relacionada ao rompimento do nexos social, ou seja, da possibilidade da relação social, seja por uma inversão de valores seja por um ato de agressão física, emocional ou psicológica. Os autores entendem que há uma compreensão geral do que seja a promoção da cultura de paz, mas ainda não há um conjunto de estratégias, sistematizadas e intencionais, com esse foco. Sugerem que sejam desenvolvidos projetos educacionais nas escolas, com base nos elementos capazes de promover uma cultura de paz, como por exemplo, a educação pautada em valores a serem avaliados e dimensionados no seu real potencial e eficiência para a promoção dessa cultura.

Ferreira (2018) em seu artigo analisa a estrutura e função social da atividade esportiva e o processo de apropriação da cultura, com a finalidade de indicar contribuições para a atividade de ensino na educação física escolar. Ao tempo em que explicita o lado “positivo” e o “negativo” da contradição sobre a atividade esportiva na sociedade capitalista, avança na análise com a tese de que na atividade esportiva o conceito, imagem subjetiva da realidade objetivada historicamente, realiza-se na corporalidade dos indivíduos, riqueza cultural humana que precisa ser apropriada e objetivada pelos indivíduos na escola. Para enfrentar as contradições existentes na atividade de ensino na educação física, o autor defende a necessidade da transmissão dos conhecimentos clássicos da disciplina escolar educação física em suas formas mais desenvolvidas. Os conteúdos da educação física têm na atividade esportiva a sua forma mais desenvolvida porque esta expressa graus elevados de desenvolvimento das relações ativas, conscientes, intencionais, e críticas, porém indiretas, entre o indivíduo e seu corpo, o indivíduo com os outros indivíduos/sociedade.

Discutir a diversidade cultural na prática escolar da educação física à luz dos pressupostos da educação intercultural foi o objetivo do trabalho de Oliveira e Daolio (2011). Para tanto, é feita uma discussão teórica a partir de alguns autores que enunciam tal perspectiva (educação intercultural) e, posteriormente, alguns desdobramentos para a



educação física escolar. É sabido que as tensões produzidas pela diversidade cultural na sociedade estão presentes também nos cotidianos escolares, muitas vezes convergindo em desigualdades. Dessa forma, é desejável que se pense em pressupostos pedagógicos que vislumbrem a superação de tal concretude e das armadilhas do relativismo, que, frequentemente, desenha o outro a partir de uma visão estereotipada, essencializando a cultura. Frente a isso, os autores se posicionam a favor da educação intercultural como ponto de partida para ressignificação das práticas escolares de EF no que tange às tensões produzidas pela diversidade cultural.

O trabalho de Moura e Soares (2012) tem como objetivo analisar a produção crítica que aponta uma intervenção em Educação Física a partir do termo cultura. Foi realizada uma análise de artigos em quatro periódicos no período de 1992 a 2004. A partir da análise, os autores sinalizam que esta produção forneceu poucos elementos para a construção de propostas de intervenção. A produção da perspectiva crítica opera como um movimento identitário que procura declarar a necessidade da (re)definição do campo de intervenção da Educação Física. A adoção do termo cultura foi a estratégia utilizada pelos autores para marcar a diferença entre a perspectiva cultural e a Educação Física tradicional. Os artigos realizaram apontamentos para a intervenção da Educação Física que, na maior parte das vezes, incluíam denúncias e críticas ao sistema capitalista, ponto comum entre os críticos e progressistas daquele período. Inspirados nas teorias críticas, os intelectuais da Educação Física criaram material didático que serviu mais à instrumentalização de um discurso crítico para luta no interior do campo do que à produção de modelos pedagógicos que ressignificassem o papel da Educação Física no interior da escola brasileira.

Munarim (2011) em seu artigo se propõe a questionar as noções de infância, cultura e movimento presentes na Educação Física a partir das contribuições da Antropologia da Criança, a qual demonstra, nos estudos em sociedades indígenas o quanto identidade e subjetividades infantis constroem-se por meio de processos que se realizam através da corporalidade. É da riqueza de experiências corporais e da liberdade de expressão entre os adultos que surge o maior ensinamento das crianças indígenas à nossa concepção de infância, que permeia toda a nossa prática pedagógica: de que crianças são seres humanos que se movimentam, que tem histórias, experiências e sensações; que se encontram em um determinado contexto situacional e cujos movimentos, que partem de suas percepções, são carregados de sentidos e

intencionalidades. A partir desta reflexão a autora adiciona ao debate sobre Educação Física e infância, detalhes importantes na relação de produção e transmissão de conhecimento entre crianças e adultos. Relação esta marcada atualmente por espaços escolares e não escolares, como a escola, a família, as cerimônias, o cotidiano, o corpo e seus adornos.

A relação cultura e Educação Física sempre esteve impregnada de simbolismos e de uma gama de manifestações que refletem a importância desse entremeio para a diversidade cultural de ideias e proposições dentro da Educação Física escolar. Constatamos que a produção aqui analisada faz o papel provocativo, de estimular uma maior reflexão pedagógica a partir dos elementos relacionados à cultura elencados nos trabalhos. Violência no contexto escolar, relação com o esporte, cultura de paz, a infância e seus movimentos, intervenção crítica e diversidade cultural foram alguns dos temas abordados nos artigos; devido a pertinência do tema é importante que mais pesquisas sejam desenvolvidas, no sentido de elucidar e contribuir de forma clara para as ações pedagógicas do professor na escola.

### **3.3 Cultura como manifestação corporal, artística ou esportiva**

Nessa categoria temos os artigos de maior relevância na categoria Cultura como manifestação corporal, artística ou esportiva. Esse escopo compreende os artigos que tinham a palavra cultura como descritor, mas estavam voltados para experiências relacionadas a arte e ao esporte como composição de expressão corporal. O corpo fala por meio da linguagem corporal, das expressões e dos movimentos; as manifestações artísticas e os esportes são meios para esse corpo se expressar e mostrar pra a sociedade o propósito daquele corpo. São essas relações existentes que foram contempladas nessa categoria, que é composta por 6 artigos principais que serão discutidos a seguir.

O objetivo do trabalho de Cardoso, Sampaio e Santos (2015) foi analisar a trajetória e percepção de atletas do boxe feminino sobre o esporte escolhido como profissão quanto a dimensões socioculturais. Ao longo do texto, foram discutidas questões relativas à participação das mulheres no boxe, diferenças de sexo e gênero e a dominação masculina no universo esportivo. Embora este trabalho apresente reflexões sobre a realidade de um grupo específico, outras interpretações podem ser feitas tendo o

presente estudo como ponto de partida para discussões ampliadas em relação a outras modalidades de esporte hegemonicamente masculinos.

Durante a adolescência, a maioria das atletas participou de atividades esportivas no âmbito escolar e, também, de outros tipos de lutas. Esse dado sinaliza a importância e o potencial da Educação Física para estimular a participação de crianças e jovens em atividades como as lutas. Sabe-se, porém, que este conteúdo tem sido negligenciado na Educação Física, sobretudo no âmbito escolar. Nesse sentido, urge a produção de estudos que problematizem didática e metodologicamente o ensino das lutas e as questões de gênero, dentro e fora da escola, a fim de superar os preconceitos que circundam a prática da modalidade.

Para Mota e Silva e Mathiessen (2018) a motivação do trabalho foi averiguar a visão de participantes de um curso de extensão a distância sobre a adequação do Atletismo para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Em relação à possibilidade de sua utilização como ferramenta para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, os autores perceberam que há uma grande potencialidade para a sua utilização com esta finalidade, visto que a grande presença de africanos e seus descendentes nas provas atléticas, bem como o impacto de sua presença e a sua contemporânea prevalência em provas de corrida podem ser adequadamente problematizadas para a compreensão e valorização de sua presença, além da reflexão sobre os estereótipos, muitas vezes, a eles atribuídos. No caso específico do Atletismo brasileiro ficou patente que, há uma interessante e crescente produção videográfica que, potencialmente, pode ser utilizada como deflagradora de importantes reflexões sobre a importância de grandes atletas negros como Adhemar Ferreira da Silva, Néelson Prudêncio e Aída dos Santos, bem como de suas histórias de vida, para a compreensão das contribuições e conseqüente valorização do papel desta população na sociedade brasileira.

O objetivo do trabalho de Silva e Falcão (2012) foi analisar as práticas corporais na experiência quilombola indicando alguns dados de pesquisa realizada com cinco comunidades (Almeida, Cedro, Kalunga, Magalhães e Jardim Cascata) no Estado de Goiás, região central do Brasil, apontando, também, alguns elementos do processo histórico e da agenda política nacional sobre o tema. As folias, danças como o forró, a catira e a sussa, a capoeira, jogos e brincadeiras, além do futebol, são algumas das mais frequentes práticas corporais encontradas, quase todas marcadas por um hibridismo com

a cultura de massa e atuando como vetores de reconstrução da tradição em busca da afirmação da identidade cultural. As práticas corporais apresentam, concomitantemente, um conteúdo de generalidade, que se manifesta também em outros contextos sociais que não as comunidades quilombolas, e também marcas de especificidade. Isso porque desempenham um papel de manutenção e reconstrução identitária, com uma forte carga de sentido e significado, por serem postas em movimento por sujeitos que de modo especial, são portadores de trajetória histórica e biográfica única.

O ensaio de Guzzo, Federeci, Roble e Terra (2015) pretende situar o leitor no contexto da dança como produção artística, como política do corpo, traçando uma narrativa histórica sobre o percurso da sua prática, desde o início de sua criação para a noção atual de dança politizada feita a partir de um corpo com múltiplas referências e informações que se apresenta hoje na sociedade contemporânea, com efeitos e influências dos adventos tecnológicos de comunicação. A dança pode ser política para a cultura corporal a partir do movimento crítico que faz em relação à realidade, questionando ou propondo possibilidades de ação e transformação da maneira que existimos.

Pinto, Macamo e Azevedo (2014) procuraram analisar o trato pedagógico dos conteúdos relacionados a implementação da lei 10.639/03, contemplando a cultura Afro-Brasileira e Africana. Para tal os autores dividiram intervenção em três categorias: (1) danças de Moçambique e Angola, Marrabenta e Kuduro, (2) o navio negreiro e as condições desumanas de transporte dos escravos e (3) resistência escrava no Brasil, incluindo a situação atual do negro. Os autores perceberam que embora houvesse, no início da intervenção, resistências às mudanças, a turma se adaptou rápido a nova dinâmica de aula.. Muitos alunos optam pelo esporte de alto rendimento não só pela influência da mídia, mas também por falta de opção na escola, visto o “reducionismo pedagógico” nas aulas de educação física.

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse capítulo tem por objetivo apresentar as principais referências teóricas que fundamentam o nosso estudo. Iremos apresentar os principais conceitos relacionados à cultura bem como a centralidade que o termo Cultura Corporal de Movimento ocupa no que cerne aos estudos da Educação Física escolar. Um dos conceitos mais controversos dentro do meio acadêmico e às vezes conceituado de forma equivocada a partir do senso comum é o conceito de cultura. Todos nós somos capazes a nosso modo de tecer um comentário ou elaborar uma definição do que vem a ser cultura. A partir do senso comum, somos impelidos a entender que a cultura é somente aquilo que é ligado à tradição, é comum aqui no Brasil as tradições refletirem as identidades regionais e conseqüentemente transferimos essa definição para o conceito de cultura. Outro equívoco comum é acreditar que a cultura é somente aquilo que faz parte da “cultura erudita”. Costumamos confundir esse conceito quando elencamos que a literatura, a música clássica e a ópera, por exemplo, são manifestações cultas eruditas e o restante entendido como mais popular – cultura popular – não seriam cultura e sim manifestações descartáveis e desprovidos de significados.

A cultura não está destinada apenas a uma classe social, tampouco é definida como coisa ou propriedade, ou como algo que se possa apontar. Ela não é restrita a um espaço social e sim uma produção de significados que são compartilhados e ressignificados cotidiana e historicamente.

A cultura de uma forma geral é uma área rica de autores e estudos que vislumbram uma abordagem da própria história moderna da humanidade, e se ocupa em entender os aspectos aprendidos que o ser humano, em contato social, adquire ao longo de sua convivência. Esses aspectos, compartilhados entre os indivíduos que fazem parte de um determinado grupo de convívio social, refletem a identidade e a realidade social desses sujeitos. Características como a linguagem, modo de se vestir, princípios e valores desejados são algumas características que podem ser determinadas por uma cultura que possibilita a comunicação entre aqueles que dela fazem parte. A partir disso a noção de cultura aparece em estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos e pedagógicos.

#### 4.1 CULTURA POR GEERTZ

Na concepção de Geertz (1978) ele define a cultura como sendo uma teia de significados, que funciona como se fosse um sistema de símbolos que interage com os sistemas próprios de símbolos de cada indivíduo em uma interação recíproca. Esse conceito é o que define a corrente de pensamento antropológico a qual Geertz faz parte, o que se conhece por antropologia simbólica ou interpretativa – procura desvelar a importância da cultura na vida das pessoas. Todos esses símbolos e significados juntos formam a cultura de um povo ou de um lugar. Para ele cultura deve ser algo a ser percebido e não definido. Os acontecimentos vivenciados pelos homens são atribuídos de sentidos por meio de padrões culturais, os quais são agrupamentos ordenados de símbolos significativos, todas as ações, pensamentos e sentimentos de cada pessoa acabam agindo sob a direção desses símbolos.

Para Geertz (1978) a cultura não é passível de controle e gerenciamento, como por exemplo, a questão organizacional em que caracteriza as organizações como culturas onde o estabelecimento de estratégias não possui a certeza do que pode acontecer. A cultura está muito mais ligada à linguagem e como os indivíduos nomeiam, significam e dão sentido às coisas do mundo, com que eles convivem e interagem. Cultura é tudo aquilo que é transmitido e recebido, portanto compartilhado na sociedade. Essas características para o antropólogo americano são fundamentais e precisas para definir o que é cultura e seus significados nas relações humanas.

Em Geertz (1978) podemos identificar possibilidades contraditórias de apreensão do conceito de cultura. Se a cultura for vista não como um complexo de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) pode governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. Explicando de uma forma mais didática ele cita que é como se a cultura fosse um software de computadores e que são inseridos em uma máquina recém-montada, que seria o homem. Os softwares poderiam ser os mesmos, exatamente iguais, mas as máquinas que os receberiam não teriam funções e significados diferentes

alterando o resultado do que seria gerado a partir desse software. Desta forma a cultura na perspectiva do autor,

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção à nossas vidas. Os padrões culturais envolvidos não são gerais, mas específicos (...). (GEERTZ, 1978, p.36).

No entendimento de Geertz (1978) nós recebemos apenas a cultura que nos é transmitida, nos é imposta, desde que nascemos. Essa definição nos leva a refletir sobre o que chamamos de relativismo da cultura, nós não podemos de forma alguma comparar culturas, colocá-las em escalas evolutivas, a fim de estabelecer relações de valor ou estabelecer o que é mais positivo ou não para a sociedade. Da mesma forma, não podemos ser levados a achar que culturas são estáticas, imutáveis, o que vem a ser exatamente o contrário. A cultura é dinâmica, está sempre em constante transformação, a cada momento ela está sendo produzida e transformada, na medida em que em cada relação o indivíduo está permutando significados e símbolos com o outro. Ela sempre é ressignificada pelos sujeitos que coexistem em um espaço social.

Esse conceito de teia de significados nos ajuda a entender de forma mais precisa as noções culturais apresentadas por Geertz (1978), pois a atribuição de símbolos para se expressar dentro de uma tradição cultural é formada ao mesmo tempo de uma maneira de se comunicar, bem como, das características de um povo. O entrelaçamento de padrões culturais diversos é formador histórico-cultural de um povo.

## 4.2. CULTURA POR MARCEL MAUSS

Segundo Mauss (1950), autor estudado também por Daolio (2004), o corpo, de todos os instrumentos utilizados pelo homem é o mais natural; é ao mesmo tempo objeto e meio técnico do homem para diversas manifestações. Em seu ensaio intitulado “As técnicas corporais” ele chama a atenção para o fato de que o corpo era antes classificado em uma categoria dentro da sociologia que poderia ser atribuída como “diversos” e a partir de determinado momento assume forma e corpo, existindo uma categoria onde enquadrá-lo. Essas mudanças de paradigma propiciaram e influenciaram a formação de estudos sociológicos voltados para o corpo, estudos esses que contribuem para a relação entre corpo e cultura, visto que as manifestações do corpo em diferentes contextos nada mais são que construções a partir do indivíduo e de suas tradições.

Admitindo então que o corpo é de longe o mais natural instrumento utilizado pelo homem, a relação do homem com a natureza pode ser edificado a partir de suas diversas formas de manifestação, sejam elas, corporais, culturais ou etnográficas.

Diferentes culturas se manifestam de formas semelhantes sem nunca terem entrado em contato, bem como pode haver diferentes comportamentos para situações semelhantes presenciadas. MINER (1976) afirma que o antropólogo está tão familiarizado com a diversidade das formas de comportamento que diferentes povos apresentam em situações semelhantes, que é incapaz de surpreender-se mesmo em face dos costumes mais “exóticos” (grifo nosso); se nem todas as combinações logicamente possíveis de comportamento foram ainda descobertas, o antropólogo bem pode conjecturar que elas devam existir em alguma tribo ainda não descrita.

Saneto e Dos Anjos (2011) apontam as contribuições antropológicas de Marcel Mauss (1950) para a área da Educação Física fazendo uso da interdisciplinaridade para essa relação. Segundo os autores, Mauss (2003) afirma em seus estudos que o corpo, é necessariamente uma construção simbólica e cultural, para ele, toda sociedade se utiliza de formas para marcar os corpos de seus membros. De acordo com o autor, é necessário se fazer o inventário e a descrição de todos os usos que os homens, no curso da história e principalmente em todo o mundo, fizeram e continuam a fazer de seus corpos.

Dessa forma, a fundamentação teórica de Mauss (1950) é que o homem, sempre e em toda parte, soube fazer uso de seu corpo como um produto de suas técnicas e de suas



representações. A sociedade fabrica, de acordo com épocas e lugares, estereótipos e modelos de comportamento que se inscrevem no corpo.

### **4.3. CULTURA PELOS AUTORES DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

O termo "cultura" para Daolio (2004) parece definitivamente fazer parte da Educação Física nesse século. O autor cita que tal fato seria impensável há duas décadas e sugere que as ciências humanas têm influenciado a área desde então. Em sua fala ele afirma que diferente do século XX onde o predomínio das ciências biológicas nas explicações do corpo, da atividade física e do esporte por parte da Educação Física imperava, hoje essa definição de corpo e de suas práticas aparentemente está dividida com os conhecimentos provindos de outras áreas, tais como a antropologia social, a sociologia, a história, a ciência política e outras.

Nos cursos de graduação em Educação Física somente há poucos anos atrás passaram a incluir disciplinas próprias das ciências humanas em seus currículos, segundo o autor. Aproveito para abrir um parênteses e mencionar, que particularmente no Instituto de Educação Física e Esportes da UFC, onde fiz minha graduação há a presença de disciplinas e grupos de estudos que abordam a visão social, antropológica e cultural da Educação Física e a relação com o corpo .

Daolio (2004) acredita que isso parece estar sendo útil para a ampliação da discussão cultural na área. As publicações – artigos em periódicos, livros, capítulos – que utilizam como base de análise da Educação Física conhecimentos das ciências humanas têm aumentado nos últimos vinte anos (SANCHES NETO e BETTI, 2008).

Daolio (2004) afirma também que podemos considerar a dimensão cultural como constitutiva da dinâmica humana. Para ele, a visão tradicional da Educação Física como uma ação sobre o corpo físico está ultrapassada pois não há dimensão física separada de uma totalidade biológica, cultural, social e psíquica.

O autor afirma ainda que devemos romper com aquela visão preconceituosa que durante muito tempo afastou pessoas das práticas da Educação Física, devido estar vinculada a padrões estéticos e de conduta preconceituosos que subjugavam e excluíaam determinados indivíduos que não estivessem em conformidade com o padrão exigido por

essa visão inatista do corpo. O ser humano pode, e deve ser levado em conta por suas diferenças culturais e não por suas semelhanças biológicas. A Educação Física pode deixar de lado a ideia de área que estuda somente o corpo físico, o movimento humano ou o esporte sob o viés técnico, para passar a estudar também o ser humano eminentemente cultural, dotado de uma capacidade de se inserir em práticas culturais e construir sua própria cultura relacionada aos aspectos corporais.

Segundo Daolio (2004) a cultura tornou-se nos últimos anos a principal categoria conceitual da área da Educação Física no Brasil. Cultura é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos. O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (DAOLIO, 2007, p.9).

As definições da relação do homem com o saber e com o mundo levanta uma questão interessante sobre a cultura que aparece nos escritos de Charlot (2000), que se refere a ideia do ser humano ser obrigado a aprender para viver em um mundo pré-existente. O mundo de uma forma que podemos descrever por muitas vezes como opressora, obriga o ser humano a aprender para ser introduzido no mundo. É pré-requisito para se ajustar aquela cultura o aprendizado e a incorporação de saberes e signos pertencentes àquela sociedade. Pessoas que viveram muito tempo isolado ou perdido em ilhas e florestas quando crianças sofrem um choque etnocultural muito forte quando retornam para nossa sociedade como conhecemos, pois os significados percebidos por eles até então eram outros. Os saberes da nossa sociedade que ele deixou pra trás quando se isolou não eram importantes até pouco tempo, a necessidade de sobreviver o fez aprender outros saberes durante o tempo que ficou isolado.

Pensando nisso podemos levantar a hipótese de que há uma dependência por parte do indivíduo desse aprender em relação ao modelo de sociedade em que ele está inserido,

o ser humano se molda a partir de hábitos culturais e da necessidade de pertencimento a aquele grupo sociocultural. Não podemos precisar quando essa relação de dependência cessa, ou se ela é ressignificada com o passar do tempo de acordo com o meio em que vivemos e as demandas que porventura possam surgir em nossa vida.

As práticas corporais nas aulas de Educação Física fazem parte desse emaranhado de saberes compreendido pela lógica da cultura do corpo e que vem sendo estudado de forma sistemática, sobretudo por autores que se preocupam com o campo de investigação da Educação Física escolar (VENÂNCIO et al, 2011; SO, 2014; VENÂNCIO, 2014).

Na visão de Moura (2012) o termo “cultura” ocupa lugar central nas intervenções no campo da Educação Física para consolidação como campo acadêmico de pesquisa reconhecido e legitimado. O autor afirma ainda que não raro os autores atribuem ao termo cultura dois sentidos. Primeiro, no plano de intervenção declaram que é necessário adequar-se à cultura local, especialmente às atividades relacionadas com o antigo campo da Educação Física (esporte, ginástica, jogos e brincadeiras. Nesse sentido, o conceito de cultura teria um papel orientador das práticas de intervenção. Segundo, a “cultura esportiva”, por exemplo, se torna: a) objeto de investigação; e b) capital cultural a ser apropriado pelos alunos, cidadãos ou meros participantes de programas de cultura esportiva.

Segundo Daolio (2004), O que une todas as proposições de educação física nos últimos anos é a busca de embasamento científico para compreender a área. É o mérito de autores como Go Tani, João Batista Freire, do Coletivo de Autores, Elenor Kunz, Valter Bracht, Mauro Betti, e dos seguidores e simpatizantes de cada uma das proposições existentes e de tantas outras pessoas que estudam seriamente a educação física. Entretanto, cada um desses autores parte de pressupostos teóricos diferentes e, embora discutam e reconheçam o conceito de "cultura" na educação física atual, apresentam proposições também diferentes.

Go Tani e os desenvolvimentistas discutem a educação física a partir de elementos do desenvolvimento motor, procurando discutir as formas como o indivíduo aprende habilidades e tarefas motoras necessárias à sua vida. Apesar de não ser intenção do autor discutir o conceito de "cultura", o termo aparece esporadicamente no livro utilizado para a análise como dimensão conseqüente ao aspecto biológico do homem, como se a cultura fosse produção do sistema nervoso humano. O sentido de "cultura" na abordagem

desenvolvimentista lembra os conceitos evolucionistas do século XIX, em que a cultura era definida como exterior ao ser humano, como um dado apenas material, produto de suas ações no mundo e consequência de sua evolução biológica.

Essa visão de cultura e de ser humano em Go Tani está presa a um cientificismo na medida em que tenta "mapear" o desenvolvimento motor objetivamente, até mesmo considerando as suas etapas para a definição dos conteúdos escolares da educação física. O indivíduo, nessa abordagem, é considerado possuidor de cultura e possuidor de uma dimensão cognitiva e afetivo-social, mas é tomado, primeiramente, como indivíduo biológico, naturalizado, localizado em estágios de um desenvolvimento motor, aliás, como sugere a própria denominação da abordagem. O ser humano na abordagem desenvolvimentista é tomado principalmente como um ser motor. (DAOLIO, 2004)

Para João Batista Freire, o conceito de desenvolvimento é, sem dúvida, ampliado, uma vez que o autor, sem negar o aspecto motor, ressalta o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Como na abordagem desenvolvimentista, João Batista Freire não se propõe a discutir o conceito de cultura, embora utilize a expressão com frequência, quase sempre destacando a riqueza da cultura infantil, repleta de jogos e brincadeiras. Segundo ele, um planejamento de educação física deve partir do universo lúdico tão familiar à criança. Entretanto, como vimos, os jogos e brinquedos são tomados, primeiramente, como facilitadores e não como elementos do patrimônio cultural humano que deve ser garantido a todos os alunos.

Segundo Daolio (2004) a visão de cultura presente na obra de João Batista Freire parece estar internalizada no indivíduo, como característica intrínseca a ser expressa em sua atuação social, num movimento de dentro para fora do indivíduo, lembrando a clássica proposição iluminista de Rousseau no século XVIII. Ele ressalta que o autor aborda a dimensão simbólica, mas enfatizando a representação mental de qualquer ação realizada pelo indivíduo. Daí ser possível afirmar que o ser humano considerado por João Batista Freire é primordialmente um ser psicológico.

Na abordagem crítico-superadora, proposta pelo Coletivo de Autores (1992), os objetivos são claramente diferentes, tanto da abordagem desenvolvimentista, como das afirmações de João Batista Freire. O ponto positivo dessa abordagem foi justamente deslocar o centro de preocupação da área de educação física escolar de dentro para fora do indivíduo. Um plano de aula de Educação Física não teria como prioridade contemplar

o desenvolvimento motor, cognitivo ou afetivo do indivíduo, mas a expressão corporal como linguagem, como conhecimento universal criado pelo homem. Esse patrimônio cultural composto pelo jogo, ginástica, esporte, dança - elementos da cultura corporal - deve ser garantido a todos os alunos de forma que eles possam compreender a realidade social como dinâmica e passível de transformações, afirma Daolio (2004).

Essa abordagem trata explicitamente do conceito de "cultura", embora não trate nesse momento da dimensão simbólica. Essa ausência da dimensão simbólica lembra também as definições de cultura do pensamento evolucionista do século XIX, em que eram enfatizados apenas os aspectos materiais da cultura, como produções externas ao ser humano. Essa visão leva a um conceito de "cultura" na abordagem crítico-superadora como externa ao homem, produto dele, mas não como condição de sua existência e de sua contínua atuação no mundo, ao contrário do que pensa Geertz, em sua visão mais ampla do ser humano e da cultura. Enfatizando a dimensão social, a abordagem crítico-superadora deixa de considerar o indivíduo e sua subjetividade. A partir disso, Daolio afirma ser possível conceber que o ser humano da abordagem crítico-superadora é visto principalmente como ser social.

De forma categórica é com Elenor Kunz, Valter Bracht e Mauro Betti que a discussão da educação física a partir da consideração da cultura toma corpo e ganha relevância. Apesar dos caminhos utilizados por esses três autores para discutir o conceito de cultura sejam diferentes, eles chegam a alguns denominadores comuns, como a crítica à racionalidade científica, a importância da dimensão simbólica no comportamento humano, a tarefa de mediação simbólica da educação física, o “saber fazer” e um “saber sobre esse saber fazer”, o equilíbrio entre a identidade pessoal e a identidade social e a tomada da subjetividade do ser.

Elenor Kunz (1994) por meio de sua concepção Crítico-emancipatória da Educação Física, afirma que o saber cultural, acumulado através do tempo, deve ser apresentado e criticamente estudado pelo aluno. É por meio dessa competência que se valoriza, também outros saberes, como os relacionados à condição física, o esporte, as atividades de lazer, da aprendizagem motora, da dança, entre outros.

Kunz (1994) propõe uma abordagem que considera a Educação Física parte de um sistema maior, sócio educacional, socioeconômico e político. O autor critica a exclusividade da abordagem das ciências naturais e propõe a consideração das ciências

humanas e sociais para melhor compreensão e atuação da área. Sugere que a Educação física seja considerada uma práxis social, com estreita relação no plano sociocultural e político, uma vez que deve partir da cultura de movimento vivenciada pelo aluno, composto por movimentos advindos das culturas tradicionais ou populares, ampliando-os e transformando seus significados.

Recorremos a Daolio (2004) que faz uma análise do conceito atribuído à cultura e as relações com as práticas corporais no entendimento de Kunz (1994). Na perspectiva de Daolio o conceito de cultura defendido por Kunz (1994) ressalta o diálogo homem/mundo a partir de uma perspectiva dialógica, que a educação física é uma práxis social, imbricada com os planos social, cultural e político, pois parte do mundo de movimento vivido pelo aluno, composto por movimentos provindos das culturas tradicionais ou populares, ampliando-os e transformando seus significados.

Dessa forma Kunz (1994) define Cultura de Movimento como,

[...] todas estas atividades do movimento humano, tanto no esporte, como em atividades extra-esporte (ou no sentido amplo do esporte), e que pertencem ao mundo do "se-movimentar" humano, o que o Homem por este meio produz ou cria, de acordo com a sua conduta, seu comportamento, e mesmo, as resistências que se oferecem a estas condutas e ações [...] (KUNZ, 1994, p. 62).

Bracht (1999) define de forma central a cultura, considerando-a a principal dimensão na análise e compreensão do ser humano. Segundo ele, as abordagens de educação física baseadas em conceitos biológicos e psicológicos, bem como os conceitos de corpo, de movimento, do próprio ser humano daí advindos, apresentam-se desculturalizados. O autor alerta que não basta discutir a educação física na perspectiva da cultura para colocá-la no âmbito de uma concepção progressista de educação, porque o conceito de cultura pode ser definido também em termos politicamente conservadores.

Segundo Betti (1992), a educação do movimento garante a especificidade da educação física, mas deixa de lado a personalidade do indivíduo. A educação pelo movimento aproxima-se da ação sobre a personalidade, integrando-se às outras áreas da educação, porém secundariza os objetivos específicos da educação física. O autor recorre ao conceito de cultura física, em que há um conjunto de valores relativos ao corpo, envolvendo a cultura física pessoal, a comunidade cultural e correlates materiais dessa

cultura. A educação física deve orientar seus objetivos, não diretamente para o corpo, mas indiretamente através da ação sobre a personalidade do indivíduo.

o sentido/significado do mover-se, além de outros. Elenor Kunz critica a expressão cultura corporal, preferindo cultura do movimento; Mauro Betti utiliza em determinado momento de sua obra a expressão cultura física, ampliando depois para cultura corporal de movimento, mesma expressão utilizada por Valter Bracht.

Em tempos de repetidas críticas aos diversos modelos curriculares em voga e diante da tentativa de transformar a realidade social brasileira, o processo discursivo posto em ação pelo currículo como um todo e do componente Educação Física em específico, assume um papel fundamental. A análise dessa dinâmica mediante um conhecimento mais profundo das lutas por significação que explicita poderá suscitar movimentos em prol da melhoria ou modificação na educação. Segundo NEIRA (2020) essa é a importância de pesquisas dedicadas a conhecer os efeitos de qualquer proposta curricular, dentre elas, a perspectiva cultural da Educação Física.

A Educação Física cultural, também chamada de currículo cultural, culturalmente orientado ou pós-crítico é uma proposta curricular recente, que nasceu nos primeiros anos do século XXI, em conexão com os desafios da contemporaneidade, especialmente, como a promoção de uma prática pedagógica comprometida com a dignidade humana e com as lutas pelos direitos de todas as pessoas e satisfação de suas necessidades vitais, sociais e históricas (NEIRA, 2018).

Aprofundando a discussão da cultura, esses autores - em que pesem as diferenças entre eles - passam a considerar o ser humano um ser mais dinâmico e dotado de individualidade, inserido num contexto sociocultural igualmente dinâmico e eminentemente simbólico. A visão de educação física, nesse caso, também parece ser ampliada, uma vez que procura contemplar não só as dimensões física, psicológica e social humanas, mas ver o ser humano como a totalidade indissociável entre esses aspectos. Daí minha conclusão de que o conceito de ser humano proposto por Kunz, Bracht e Betti é, primordialmente, o de um ser cultural. (Daolio, 2004)

Considerando o aparato teórico aqui apresentado nosso desafio será tratar da noção de cultura e relações com as práticas corporais de estudantes. Para isso construímos

um estudo de revisão, do tipo estado da arte, para a partir do quadro teórico até agora exposto aqui, tentar estabelecer conexões nas observações das aulas de Educação Física.



## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados gerados pelo estudo e promover uma discussão a partir dos dados gerados. Promovendo uma aproximação do instrumento de geração de dados – questionário eletrônico– as respectivas situações percebidas acerca das experiências e vivências na escola, podemos estabelecer coerência entre elas e ao mesmo tempo perceber como os sentidos atribuídos às práticas corporais podem ser tão diferentes em indivíduos pertencentes a uma mesma classe escolar. A pesquisa na qual a geração de dados se fez presente procura entender justamente como esse fenômeno pode estabelecer relações e contribuir para uma demarcação identitária do sujeito em seu ambiente e na relação com os outros sujeitos.

De forma quantitativa foram gerados os dados que serão apresentados a seguir a partir do questionário norteador. Com intenção de caracterizar os sujeitos da pesquisa, em um primeiro momento no questionário pedimos para eles responderem o nome completo, a idade e o gênero de cada um (Gráfico 1)

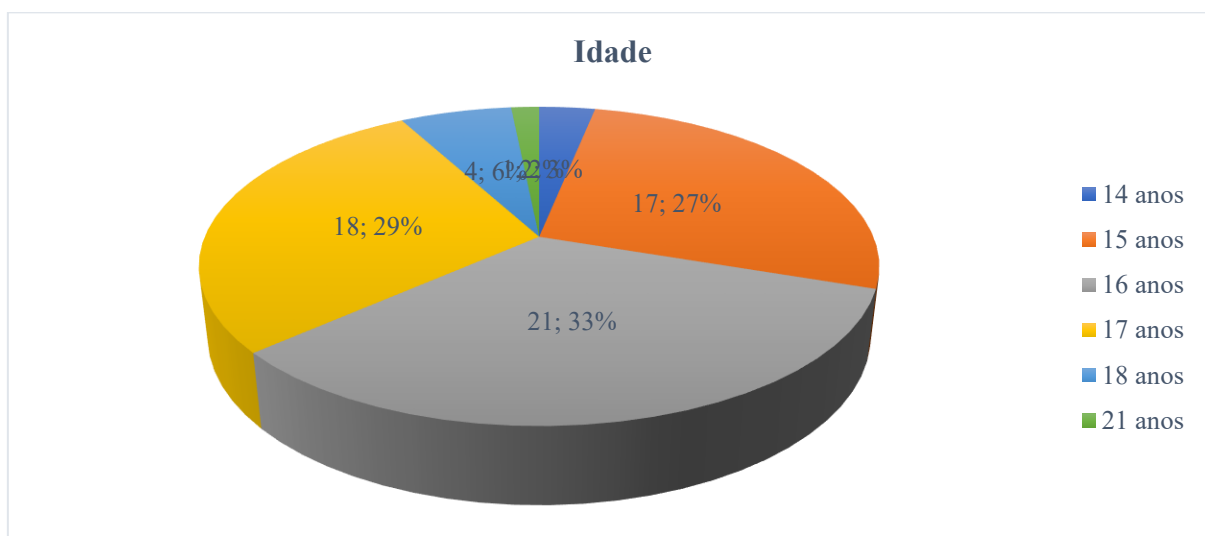


Gráfico 1: Idade dos participantes da pesquisa

Acerca das idades dos participantes à época da pesquisa (Gráfico 2) 21,33% tinham dezesseis anos; 18,29% tinham dezessete anos; 17,27% tinham 15 anos; 6% tinham 18 anos; 3% tinham 18 anos e 2% tinham 21 anos.

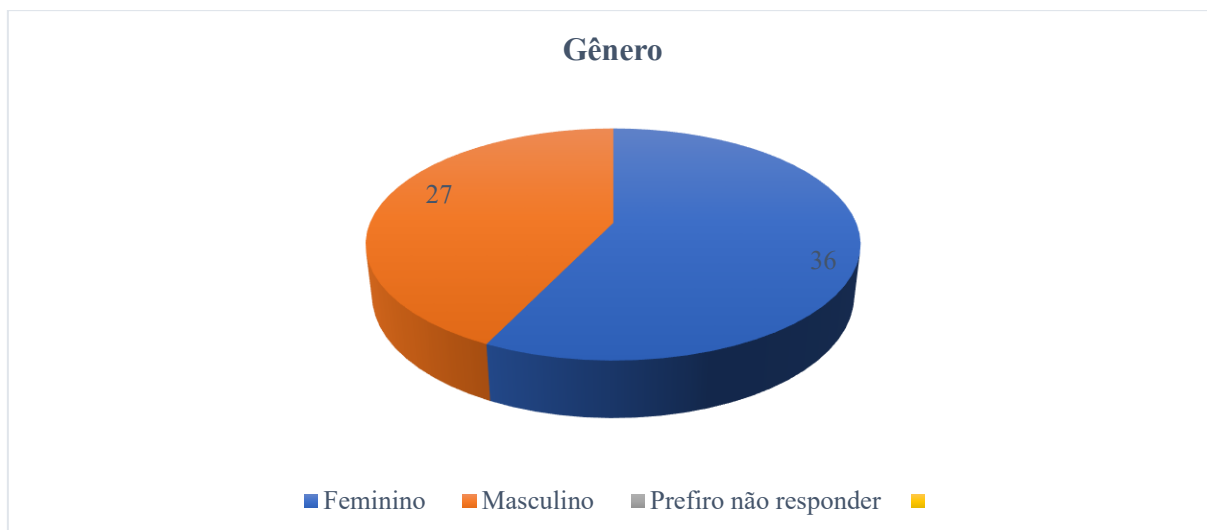


Gráfico 2: Gênero dos participantes da pesquisa

Acerca do gênero dos participantes da pesquisa 36% eram do sexo feminino e 27% do sexo masculino; não houve respostas com a opção de preferência por não responder.

As perguntas a seguir deveriam obrigatoriamente serem respondidas levando em conta o contexto do cotidiano anterior à pandemia da Covid-19.

A questão 1 procurou investigar sobre a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física (Gráfico 3), 57% afirmou que participam de todas as aulas, sempre; 29% responderam que participam da maioria das aulas; 8% não participam de algumas aulas e 6% não participam da maioria das aulas.

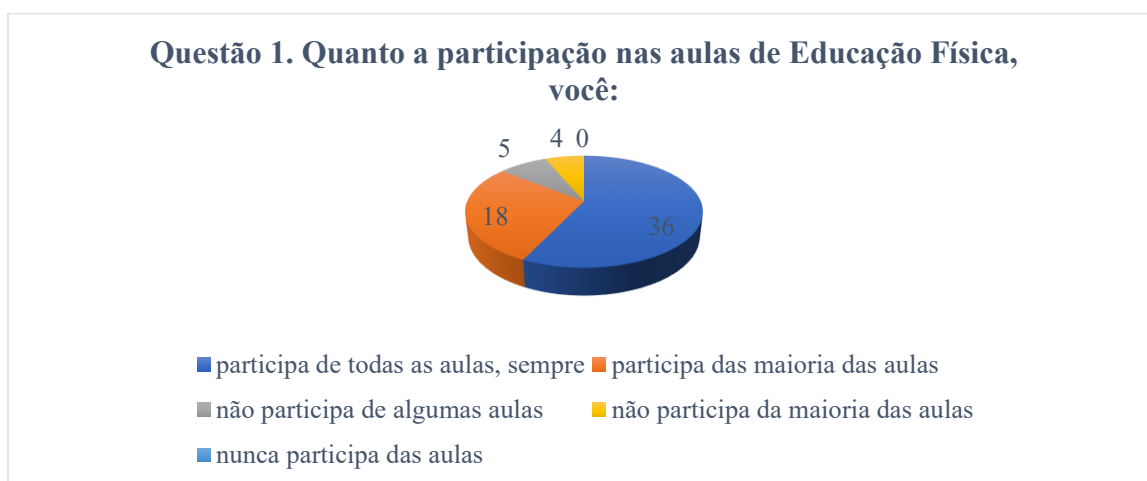


Gráfico 3: Quanto a participação nas aulas de Educação Física

Podemos perceber que, segundo o questionário norteador aplicado, boa parte dos alunos participa das aulas de educação física de forma efetiva, em sua maioria sendo do

gênero masculino. Segundo o professor, os alunos que não participam das aulas práticas elencam diversos motivos para a não adesão, desde doenças ocasionais (reais ou não) a problemas de relacionamento e em algumas situações relatam que não gostam da prática. Para BETTI (2003) a presença dos colegas é um fator decisivo para adesão dos alunos, mas em contrapartida, há interferência dos mesmos, pois alguns não possuem uma participação cooperativa nas aulas, zombam dos menos habilidosos, provocam desentendimentos, contribuindo assim para que se deixe de gostar e até de participar das aulas de Educação Física. A partir dessa fala, podemos refletir sobre o quão o comportamento dos alunos influenciam seus pares e suas decisões nas aulas de Educação Física.

BETTI e LIZ (2003) afirmam que a Educação Física lida com princípios contraditórios: de um lado a obrigação de uma disciplina escolar tal como as demais, de outro, o prazer, a diversão, a alegria proporcionada por sua dinâmica peculiar, o que é percebido pelos estudantes. Seria necessário investigar, em maior profundidade, em qual ou quais aspectos os alunos percebem o componente de “obrigação” na Educação Física. Porém, a essa percepção de “obrigação”, associa-se um alto grau de voluntariedade: os(as) aluno(as) frequentariam as aulas de Educação Física, mesmo que não fossem obrigadas a fazê-lo.

A Organização Mundial de Saúde (2010) reconheceu os benefícios relacionado a prática de atividade física, como melhor qualidade de vida, melhor capacidade funcional e menor chance de desenvolver doenças crônicas degenerativas, por isso salienta-se que essa seja uma demanda para todas as idades (DE MOURA et al., 2018).

Betti (2003) afirma ainda que durante as aulas ocorrem repertórios distintos de ressignificação, afinal, o contato do discurso de um aluno com a fala de outro produz outras possibilidades de ver e se perceber no mundo como sujeito. Olhando do ponto de vista da representação simbólica, os aspectos culturais que os estudantes externam não deixam de existir nem muito menos são substituídos por outros, durante o processo pode haver uma mescla desses aspectos, na medida em que uma significação se choca com outra.

A cultura tem um conceito bem flexível e por muitas vezes polissêmico. Paulo Freire trata a cultura, em suas obras como uma concepção antropológica, ou seja, a produção cultural como alterações que o homem faz em seu ambiente natural, ou seja, qualquer mudança produzida pelo ser humano. Assim, a cultura consiste em recriar e não

repetir, como resultado de um trabalho, como aquisição sistemática da experiência humana, já que há diferentes vivências e aquisições de conhecimentos.

É como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais. (FREIRE, 2013 [1970], p. 128).

A pergunta seguinte tratou sobre o valor que cada sujeito atribui aos conhecimentos elencados nas aulas de Educação Física (Gráfico 4):

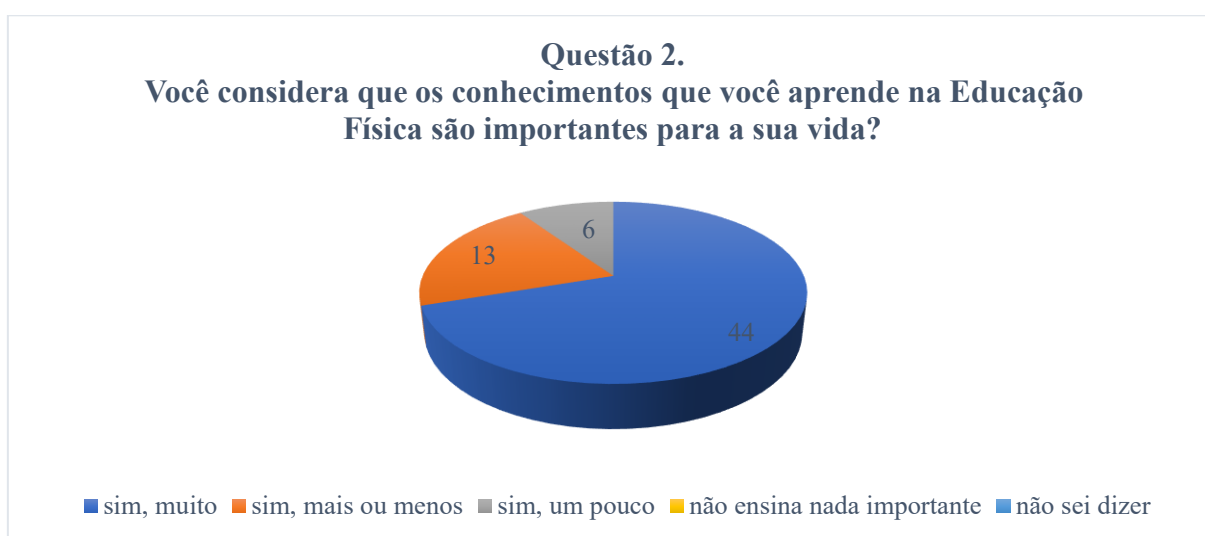


Gráfico 4: Sobre os conhecimentos nas aulas de Educação Física

Na questão de número dois indagamos sobre o valor que cada sujeito atribuem aos conhecimentos elencados nas aulas de Educação Física, 70% responderam que sim, são muito importantes; 21% responderam que sim, mais ou menos e 10% responderam que sim, são um pouco importantes.

Em relação ao grau de importância que eles atribuem para os conteúdos de Educação Física todos responderam de forma positiva, e até mesmo os que afirmam não participar das aulas práticas responderam positivamente e sinalizaram reconhecer a importância das práticas corporais. De acordo com Ghiraldelli Jr (1988) a disciplina de educação física é de fundamental importância para o homem, pois ela contribui para a autodisciplina do homem, ajudando a desenvolver aspectos estéticos, raciocínio, valores cooperativos, entre outros, e deve atender todas as necessidades dos alunos.

A Educação Física como área do conhecimento e de intervenção profissional, tem um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos. Uma das premissas da Escola como instituição é proporcionar ao estudante a possibilidade de compreensão do mundo ao seu redor, e assim deve atuar a Educação Física, como uma das disciplinas integrantes do currículo escolar.

A lei nº 9394/96 que ordena as diretrizes e bases da Educação Nacional, no que se refere à Educação Física, justifica sua inserção dentro do contexto escolar. Esta lei proporcionou uma transformação do caráter que a Educação Física vinha assumindo nos anos que a antecederam, ao evidenciar em seu texto no artigo 26, parágrafo terceiro, que a “Educação Física, integrada à proposta pedagógica da Escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

No artigo 87 da lei citada no parágrafo acima é instituída a “década da Educação”, iniciada um ano a partir da publicação desta Lei e encaminhou as discussões em torno da construção de referenciais nacionais comuns para a educação, respeitando as diferenças regionais, culturais, e políticas das diferentes regiões. Como resultado destas discussões, originaram-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): referenciais nacionais comuns aos processos educativos das diferentes regiões brasileiras, elaborados respeitando as diversidades regionais, culturais e políticas.

Os PCNs foram elaborados por um grupo de especialistas de diferentes áreas, onde apresentaram uma versão preliminar, que após análise e discussão com os professores, especialistas da educação e outras áreas, instituições governamentais e não governamentais, foi originada uma versão final, servindo para ampliar e aprofundar as discussões em torno da reestruturação curricular das escolas em todo o território nacional.

Tendo como referência esse documento, a Educação Física é definida como: a área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefícios dos exercícios críticos da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 5ª a 8ª séries, MEC 1998 p. 29).

Na terceira questão perguntamos de forma argumentativa quais conhecimentos ou saberes que o aluno considera que mais aprende (ou aprendeu) nas aulas de Educação

Física. A partir das respostas dos sujeitos, pudemos observar que as respostas se dividiam em três categorias: conteúdos práticos, teóricos e questões relacionais.

Com base nas manifestações da cultura corporal de movimento, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) define os conteúdos que se configuram nos conhecimentos da práticas corporais como sendo eles: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, lutas, práticas corporais de aventura e dança.

Uma parcela dos alunos entrevistados respondeu ou citou ações que não se constituem como conteúdos e sim como postura ou opinião acerca de um assunto, sem citar conteúdos. Acredito que esse fato esteja ligado ao bom relacionamento entre os estudantes e o professor, que pode ser evidenciado na figura do aprender saber-relacional, em que uma forma de se relacionar é construída pelos sujeitos do processo ensino aprendizagem. VENÂNCIO (2014) afirma que um professor ou uma professora que instrui e educa, é agente de uma instituição, representa uma disciplina, tem suas singularidades percebidas pelos alunos. As relações que um aluno tem com um professor ou professora podem ser previamente determinadas: são relações com seu saber, com seu profissionalismo, com seu estatuto institucional, com sua pessoa.

A seguir temos exemplos de algumas respostas dos estudantes pesquisados que estão inseridas dentro da categoria de conhecimentos voltados para questões relacionais:

“Não sei dizer, mas a importância de não julgar os outros.”  
Bia Haddad

“Ser humilde e ter respeito.”  
Joaquim Cruz

“Sobre o nosso próprio corpo, o que podemos fazer, sobre a nossa sociedade como ela é preconceituosa em relação as pessoas diferentes.”  
Diego Hipólito

“Respeito entre as pessoas e como é importante a educação física”  
Isabel Clark

“Importância de cuidar de si.”  
Ayrton Senna

CHARLOT (2000) afirma que a questão do aprender é mais ampla que a do saber, em dois sentidos: existem maneiras de aprender e também outras relações com o mundo. Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber

O professor de Educação Física é figura principal dentro desse processo, por ser o responsável pela transmissão dos saberes relacionados ao movimento ou atividade em questão. Em seguida temos alguns exemplos de respostas voltadas para os conteúdos práticos nas aulas de Educação Física

“As acrobacias da ginástica..”  
Aurélio Miguel

“A prática esportiva”  
Fabi Alvim

“Jogar bola”  
Douglas Souza

“Futsal”  
Robson Caetano

“Tô aprendendo muitos jogos que eu não sabia brincar e não sabia que existia.”  
Natália Falavigna

“Sobre esportes de lutas.”  
Oscar Schmidt

“Práticas esportivas.”  
Silvana Lima

“A praticar exercícios físicos.”  
João do Pulo

“O conhecimento sobre o corpo humano, Como ele funciona, Os exercícios que eu acho muito interessante ( Tipo musculação, ginástica e etc) e também de lutas pra aprimorar o corpo e auto-defesa.”  
Arthur Nory

“Sobre como funciona os esportes e nosso corpo Atividades físicas.”  
Fabiana Mure

“Sobres jogos competitivos e n competitivos.”  
Fernando Scherer

“Sobre a forma de se exercitara o corpo e os esportes com bola.”  
Maurício Lima

“ Vôlei, basquete.”  
Sheila Castro

“Benefícios físicos da prática esportiva, aprendi na Educação Física competências e habilidades sociais, psicológicas, motoras e cognitivas! Várias habilidades como raciocinar, planejar, exercitar a memória e compreender situações e estratégias precisam ser desenvolvidas.”  
Rayssa Leal

Podemos dizer que a prática se refere ao conhecimento ou saber aplicado que é resultante de determinado conhecimento sistematizado previamente, como por exemplo

ensinar o gesto do saque no vôlei ou um salto na ginástica. Enquanto que a teoria se refere a conhecimentos ou saberes produzidos a uma área específica. Posto isso, tem-se um entendimento que tanto teoria quanto prática refere-se ao conhecimento, e podem estar entrelaçadas de forma definitiva dentro de uma práxis. As respostas abaixo foram relacionadas ao conteúdo teórico da Educação Física.

“Conhecimento sobre o corpo humano e os aspectos de sexualidade e de gêneros.”  
Rogério Sampaio

“Um das principais coisas são os direitos e regras que existe nos jogos/lutas ,e tbm a importância q os exercícios físicos têm em nossa vida.”  
Magic Paula

“O que mais aprendi nas aulas de educação física foi mais a teoria das lutas e dos esportes, sem aula prática.”  
Jadel Gregório

“Cuidado com o corpo Saude do sono, genero sexual.”  
Giovane Gávio

“A história de cada esporte”  
Vanderlei Cordeiro

“Bem-estar e inclusão, são coisas que vou levar para o resto da vida”  
Rosa Maria

“Educação sexual”  
Maria Lenk

“As aulas sobre sexualidade foram essenciais para se ter conhecimento sobre o assunto”  
Marta Vieir

Na questão de número quatro, ao serem indagados sobre o contexto do aprendizado de conteúdos relacionados à atividade físicas, os dados informados revelam (Gráfico 5), que 51 alunos aprendem de forma efetiva nas aulas de Educação Física, 28 alunos afirmam aprender na internet, 8 alunos responderam que na televisão, 7 alunos afirmaram que aprendem com amigos e 1 aluno respondeu que aprende a partir de leituras em revista.



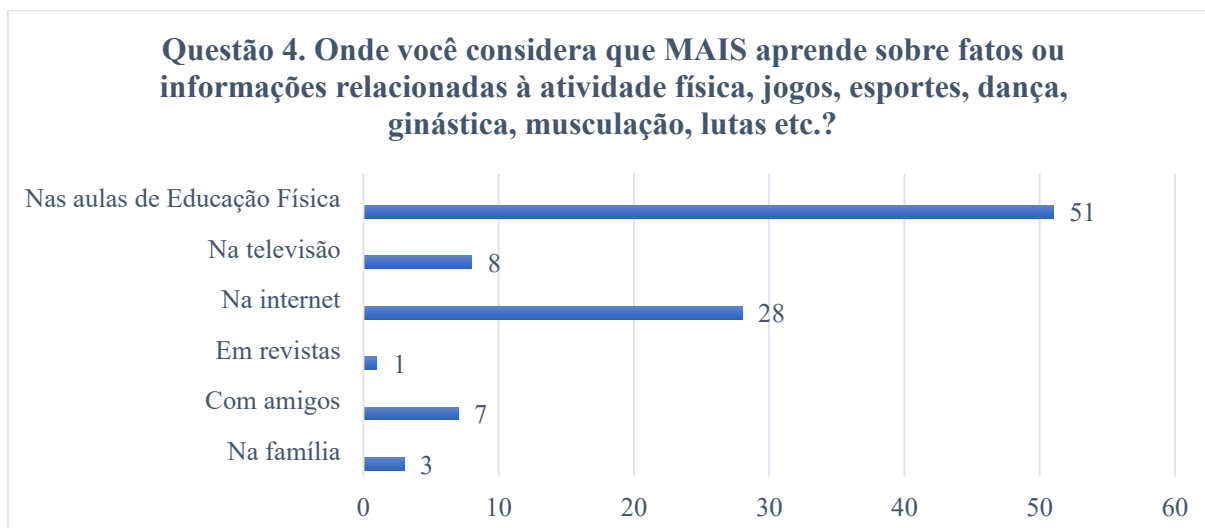


Gráfico 5: Local de aprendizado de fatos ou informações relacionadas à atividade física

Esse número é bem significativo e revela que apesar de todo um universo de informações fora do contexto escolar que temos nos dias atuais, a resposta mais prevalente foi nas aulas de Educação Física, tendo sido a resposta de 85% dos alunos.

Os dados acima demonstram também que no universo desses alunos a internet tem um papel forte em relação ao aprendizado de conteúdos relacionados à Educação Física, tendo sido a segunda resposta mais citada depois das aulas de Educação Física. Vivemos em um mundo conectado de forma ininterrupta e esses conteúdos não estão fora desse contexto de mídia, apesar de que, por vezes essa informação vem permeada de conceitos que não estão relacionados aos saberes que encontramos nas aulas de Educação Física, mais voltados para a espetacularização do corpo e para o entretenimento, desprovidos de qualquer preocupação pedagógica.

Para BETTI (2001) A cultura corporal de movimento, senão no plano da prática ativa, ao menos no plano do consumo de informações e imagens, tornou-se publicamente partilhada na sociedade contemporânea.

Partindo para outra perspectiva, vemos também que a internet pode ser utilizada como espaço de aprendizagem nas aulas de Educação Física, através principalmente das TICs (tecnologias da informação e comunicação), ferramentas que se referem ao papel da comunicação na tecnologia da informação e entende-se por todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação. É importante frisar que em meio ao cenário da pandemia da Covid-19 que se instaurou a partir do ano de 2020, a internet e sua possibilidade de recursos pedagógicos tiveram papel importante na

implantação e manutenção das aulas remotas para os alunos de todo o mundo durante cerca de dois anos.

Nesse período de pandemia a Educação a Distância (EaD) tem se constituído como uma necessidade para que as escolas deem conta da carga horária exigida e mantenham os estudantes continuamente assistidos sem se sentirem prejudicados no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem. (SOUZA; DIAS, 2020, p. 9)

O cenário da pandemia fez com de certa forma se acelerasse os processos de aprendizagem à distância, mas houve uma grande dificuldade para readaptar o ensino, pois nem todos os alunos teriam como ter acesso à internet e também a aparelhos eletrônicos como smartphones, computadores e tablets para acessar as aulas online, sendo assim muitas escolas disponibilizaram materiais impressos, aonde o aluno ou o responsável pelo aluno iria até a escola para ter posse desse material, proporcionado ao aluno uma outra opção para acompanhar as atividades mesmo que fosse só pelos materiais impressos.

O sucesso dessa transição para o ensino remoto depende de diversos fatores, como disposição dos estudantes, capacitação do professor, qualidade da tecnologia, objetivos de aprendizagem e estratégias de ensino. O professor precisa ter o domínio do assunto e a competência para lidar com as novas tecnologias. Os estudantes também precisam dominá-las e sentir-se dispostos a aprender a distância. A tecnologia, por sua vez, precisa ser de qualidade para garantir que o processo se efetive. Os objetivos de aprendizagem e as estratégias de ensino, por fim, precisam estar harmonizadas para que os resultados sejam favoráveis. (GIL; PESSONI, 2020, p.8)

Na quinta questão do questionário perguntamos acerca da motivação dos alunos em relação às aulas de Educação Física (Gráfico 6) e eles responderam da seguinte forma: 30% responderam que das práticas corporais a que se sente mais motivados a realizar seria jogos e brincadeiras, 22% que sente mais motivado a relizar a prática de esportes; 11% responderam temas relacionados à saúde, 10% responderam que se sentem mais motivados com a prática da dança; 8% com a prática de lutas; 6% com a prática de ginástica e 13% responderam a opção outros.

**Questão 5. Dentre as práticas corporais que vc realiza nas aulas de Educação Física, quais as que você sente mais motivado a realizar?**

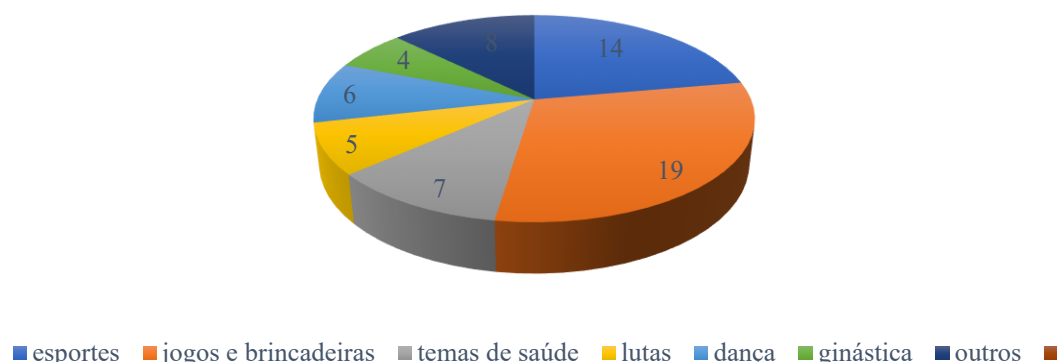


Gráfico 6: Sobre as práticas corporais nas aulas de Educação Física

Especificamente nas aulas de Educação podemos estabelecer um diálogo sobre quais conteúdos que envolvem práticas corporais o estudante se sente mais à vontade e mais motivado. Alguns são mais à vontade com esportes, outros com a dança e dessa forma em alguns bimestres a sala está toda presente e em outros não. Essa postura é exclusiva das aulas de Educação Física, visto que em outras disciplinas consideradas mais hegemônicas o aluno não pode “optar” pelos conteúdos a serem vistos por ele. Essa postura não é padrão em todas aulas, mas pode vir a acontecer. É necessária uma reflexão acerca da obrigatoriedade ou não das aulas práticas, sobre se o que é obrigatório é o conteúdo ou a participação dos estudantes.

A compreensão de que a Educação Física atua como componente curricular da educação básica não é algo novo. Apesar disso, o entendimento do papel dela no contexto escolar carece de legitimidade. A razão disso é porque a imagem da Educação Física foi consolidada ao longo da história como disciplina de menor valor, menor prestígio e menor validade (Bracht et al., 2003).

Por outro lado, formalmente falando há o entendimento de que a aula de Educação Física acontece para todos, independentemente do grau de envolvimento do aluno, e os que ficam sentados ou fazendo outras coisas não estão sumariamente excluídos dela, mas, sim, vivenciam diversas possibilidades de envolvimento permitidas pela proposta da aula. Entretanto, é muito comum nas aulas de Educação Física, alunos sentados à beira da quadra conversando, estudando conteúdo de outros componentes curriculares ou, simplesmente, aguardando o término da aula.

A primeira condição para se permitir um maior engajamento dos alunos nas aulas de Educação Física consiste na melhoria da qualidade destas aulas, não perpetuando os processos de iniciação esportiva vivenciados pelos alunos durante o Ensino Fundamental, muito menos o “rola bola” sem intervenção do professor, já criticados por diversos autores como Darido e Sanches Neto (2005).

Fatores como amizade, equipe e habilidades para determinadas atividades podem ser levados em conta para a motivação nas aulas, isto quer dizer também que, os próprios alunos se sentem motivados por fatores que podem ser internos e externos, sendo importantes para eles, nesta faixa etária, na Educação Física Escolar. É interessante ainda que as propostas das aulas estejam de acordo com as características motivacionais para que assim, possam trabalhar as especificidades e necessidades dos estudantes.

A partir das evidências disponibilizadas por alguns estudos, podemos dizer que a motivação depende de dois fatores: o intrínseco e extrínseco (ROCHA, 2009; MARZINEK e NETO, 2007; ARAUJO et al., 2008). O fator intrínseco está relacionado ao próprio indivíduo, ou seja, a prática pelas sensações que ela provoca ao mesmo.

Segundo Berleze et al. (2002), as atitudes que o indivíduo realiza por sua própria vontade são características evidentes de motivação intrínseca. Grupos que praticam algum determinado esporte pela satisfação que sentem em jogar, em participar de certas atividades esportivas podem ser citados como sendo exemplo de motivação intrínseca.

Já o fator extrínseco vem de meios externos, como, por exemplo, recompensas que a atividade pode lhe proporcionar; motivação dos pais/professores para que o filho/aluno pratique tal atividade, entre outros. Para Berleze et al. (2002), a motivação extrínseca é algo artificial, pois, para ser eficiente, precisa ser fundamentada em alguma tendência, em algum motivo ou necessidade própria da pessoa ou intrínseca à sua natureza.

Na sexta questão indagamos sobre a prática de atividade física fora do contexto escolar (Gráfico 7). Nesse caso, uma grande parcela respondeu que sim (71,4%). Entre a minoria que respondeu não praticar estavam alunos que responderam anteriormente que não participavam das aulas de Educação Física na escola também ou apenas em parte delas, evidenciando por parte daquele aluno um distanciamento das práticas corporais, mesmo em seu espaço social familiar. Um outro fato que surpreende foi ver que houve alunos que responderam que nunca participam das aulas de Educação Física na escola, mas são ativos em práticas corporais fora do contexto escolar.

**6 - Você pratica algum tipo de atividade física, jogos, esportes, dança, ginástica, musculação, lutas, artes marciais etc. FORA das aulas de Educação Física?**

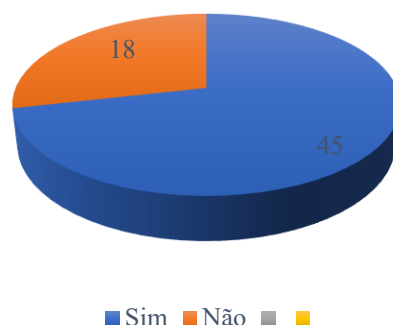


Gráfico 7: Sobre a prática de atividade física fora do contexto escolar

O que leva esse aluno a optar por não se mobilizar na escola e fora dela sim ? CHARLOT (2000) cita que mobilizar-se é engajar-se em uma atividade previamente originada por móveis (razão de agir), porque existem boas razões para fazê-lo. As razões de cada um para tomar uma decisão voltada á prática de atividade física, é intrínseco a cada sujeito. O outro termo atrelado a mobilização seria a motivação, esse sim um fator extrínseco, em que é enfatizado o fato de que se é motivado por algo ou alguém de fora. Determinados alunos(as) então, por fatores diversos, optam por dispor seus recursos de movimento para atividades que não fazem parte da programação curricular da escola. Eles decidem mobilizar seus recursos para práticas corporais extraclases.

As atividades mais elencadas pelos sujeitos entrevistados foram musculação, futebol, lutas (jiu-jitsu e capoeira), vôlei, futsal, natação e ginástica. Outras atividades foram citadas uma única vez, como calistenia, handebol, caminhada ao ar livre, andar de bicicleta e carimba. Nessa parte do questionário o aluno poderia responder mais de uma atividade, o que aconteceu em uma pequena parcela, que afirmou praticar duas ou três atividades de forma regular.

É válido ressaltar que através do esporte podemos desenvolver processos que contribuem para o convívio social dos jovens, como por exemplo, através das regras que devem ser obedecidas. Diante dessa sistemática, há uma internalização que se o jovem for capaz de generalizar para outras situações, contribuirá para o seu convívio social. Sobre a prática esportiva podemos relacioná-la também com o autoconhecimento do indivíduo. Ao desenvolvê-la, ele estará confrontando-se com seus limites, aprendendo a lidar com fracassos, superando frustrações e afirmando suas potencialidades. Nesse

sentido, o esporte também contribui para o desenvolvimento da autoestima e do bem-estar físico e mental do aluno.

Ainda sobre as atividades fora do contexto escolar pedimos para os alunos na questão de número 7 (Gráfico 8) atribuírem valor de importância à essas atividades, os dados gerados foram os seguintes: a maioria (70%) responderam que sim, as práticas corporais fora da escola acrescentam muito; 16% responderam que sim, mais ou menos; 5% responderam que acrescentam pouco e 10% não souberam dizer.



Gráfico 8: Valor de importância dado às atividades fora do contexto escolar

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016), a prática regular de atividade física previne o excesso de peso, auxilia na prevenção ou redução da hipertensão arterial e osteoporose, promove bem-estar, reduz o estresse, a ansiedade e a depressão. Em crianças e jovens, a atividade física atua na estratégia para uma alimentação saudável e balanceada, desestimula o uso do álcool e das drogas, reduz a violência e promove a integração social. Hallal et al. (2006) em pesquisa com adolescentes de diferentes países verificaram que mais de 70% não atingem as recomendações para prática de atividade física. Como consequência a sua falta, está associada às causas do aumento acelerado do sobrepeso e obesidade.

Educação Física na escola deveria propiciar condições para que os alunos obtivessem autonomia em relação à prática da atividade física, ou seja, após o período formal de aulas os alunos deveriam manter uma prática de atividade regular, sem o auxílio de especialistas, se assim desejarem. Este objetivo é enormemente facilitado se os alunos encontram prazer nas aulas de Educação Física, pois, apreciando determinada atividade é

mais provável desejar continua-la, caracterizando uma ligação de prazer. Um outro aspecto aponta para o caminho do domínio cognitivo, ou seja, o conhecimento e o reconhecimento da importância da atividade física (DARIDO, 2004 p.61)

Na questão de número oito perguntamos sobre os locais em que os alunos praticam atividade física fora do contexto escolar (Gráfico 9) e obtivemos os seguintes dados: 29% responderam em academias de ginástica; 16% em projetos sociais; 22% em praças esportivas; 21% afirmaram que praticam atividades físicas na rua e 3% nas dependências de igrejas ou centros religiosos.



Gráfico 9: Local de prática de atividade física fora do contexto escolar

A partir desse questionamento pudemos notar que há uma divisão bem proporcional em relação aos locais de prática de atividade física, não há uma concentração excessiva em um local ou dois. Pudemos perceber a presença do terceiro setor nas figuras dos projetos sociais e das atividades promovidas por igrejas e centros religioso, o que é muito comum em bairros periféricos como o que abriga a escola em que se realizou a pesquisa. Os hábitos de infância ainda permanecem em uma parcela dos entrevistados quando descrevem e apontam a prática de atividade física nas ruas do bairro em que cresceram ou vivem.

A escola é uma das responsáveis, bem como a comunidade e a família, pela formação do aluno-cidadão, com função destacada quando se trata do estímulo a atividades físicas. Nesse sentido, é seu dever propiciar condições adequadas para as aulas práticas de Educação Física, dada a fundamental importância dessa disciplina. Engajar a comunidade escolar nos esforços de preservação e melhorias das quadras esportivas e

demais locais onde os alunos brincam, fazem exercícios e esportes é uma atitude positiva para valorizar e enfatizar a importância das práticas corporais. O incentivo à projetos extraescolares e parcerias com órgãos e outras instituições sejam públicas ou privadas é também de fundamental importância.

Além disso, o professor também pode atuar de forma pedagógica em seu planejamento escolar, contemplando temas que tenham relações com as atividades físicas que ocorrem fora do ambiente escolar, como aspectos da saúde, do bem-estar e que se relacionem com a área do fitness, por exemplo. Uma área muito explorada pelos jovens e que por diversas vezes mal informados quanto à alguns conceitos que podem trazer benefícios e até prejuízos para o corpo do praticante.

A seguir se iniciou uma etapa do questionário em que deveria se responder as questões levando em conta o cenário da pandemia de Covid-19 que atingiu nosso país a partir do ano de 2020 e que no presente momento está em um processo de arrefecimento com as atividades gerais da sociedade voltando ao seu normal.

Na nona questão procuramos investigar sobre a suspensão das aulas presenciais de Educação Física e se os alunos achavam que as mesmas foram prejudicadas durante o período da pandemia da Covid-19 (Gráfico 10). A maioria (57%) acredita que sim, foram muito prejudicadas; 27% responderam que foram prejudicadas mais ou menos; 3% que sim, foram um pouco prejudicadas; para 2% dos alunos não foram prejudicadas e 11% não sabiam dizer.



Gráfico 10: Sobre a suspensão das aulas presenciais devido a pandemia da Covid-19

Na questão 10 indagamos aos alunos sobre a participação deles nas aulas de Educação Física realizadas de forma remota (Gráfico 11) e obtivemos os seguintes dados: 29% dos entrevistados participam de todas as aulas; 10% participam da maioria das aulas;



24% não participa de algumas aulas; 21% não participa da maioria das aulas e 17% nunca participa das aulas remotas.

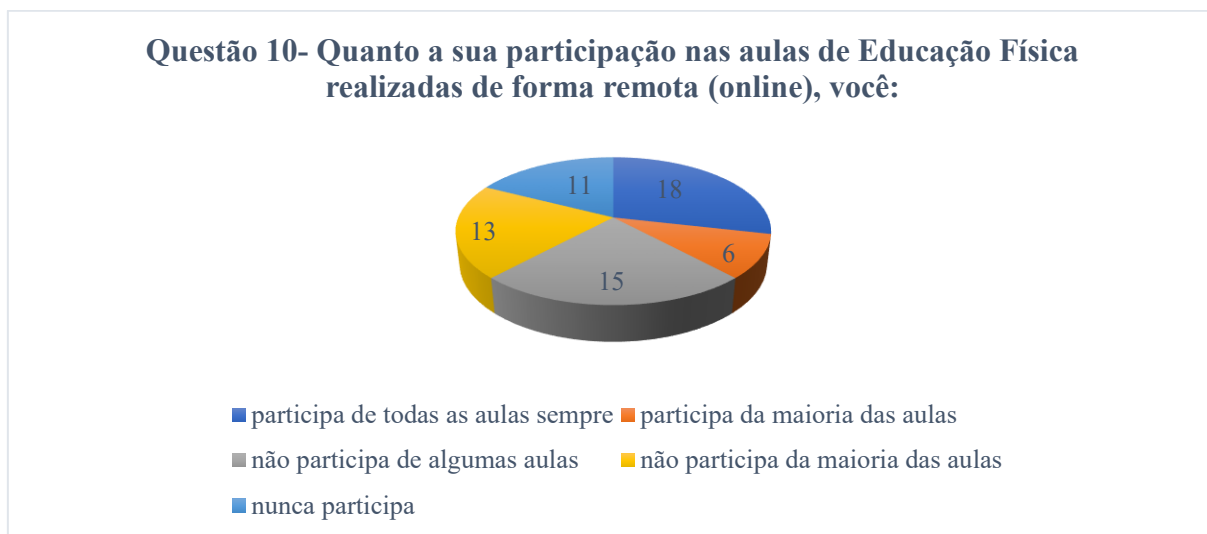


Gráfico 11: Quanto a participação nas aulas de Educação Física de forma remota

Na parte final do questionário perguntamos de forma aberta sobre os aspectos que os alunos consideram importantes para que as aulas remotas de Educação Física sejam motivadoras e façam com que eles participem ativamente das aulas. Vemos em seguida as respostas dadas pelos participantes que estão devidamente identificados por codinomes de atletas brasileiros de diversas modalidades.

“Eu gosto de participar sempre que posso (quando não estou com dor, ou algo assim) depois da prática sempre me sinto melhor e mais relaxada.”  
Ana Mozer

“Gincanas, jogos e temas sócias voltados na área de educação física.”  
Isaquias Queiroz

“Falar sobre esportes,e fazerem participar”  
Fabíola Molina

“A educação física é uma disciplina muito procurada pelos alunos, mas os significados atribuídos por eles resumem a educação física ao esporte, à promoção de saúde, aolazer, mostrando assim o seu desconhecimento dos diversos outros saberes que a educação física pode evidenciar em âmbito escolar e em aulas remotas.”  
Natália Falavigna

“As aulas remotas são muitos complicado de se concentrar mas acho que deve ter alguma forma de melhorar”  
Aurélio Miguel

“Nada faz eu estudar remotamente”  
Rogério Sampaio

“Não sei”  
Bia Haddad

“Não sei responder):”  
Hortência Maccari

“Ser Bastante interativa”  
Oscar Schmidt

“Companheirismo, a diversão, e a troca de saberes”.  
Fernanda Venturini

“Não sei dizer hahahhhha”  
Thiago Braz

“Brincadeira”  
Maurren Maggi

“Que os professores procurem maneiras de deixar as aulas mais dinâmicas, como, jogos de tabuleiros  
online”  
Claudinei Quirino

“Ter uma interação com os alunos maior”  
Daiane dos Santos

“Fazer alguma dinâmica, qualquer que seja ,acho q só sentar e falar fica cansativo tanto  
pro aluno como para o professor(a)”  
Joaquim Cruz

“o professor tente sempre trazer coisas novas”  
Magic paula

“O comprometimento dos alunos e professores”  
Janeth Arcain

“Esportes”  
Danielle Hipólito

“Acho que pra mim depende muito como o professor da aula”  
João do Pulo

“Interação do aluno com o professor”  
Maria Esther Bueno

“Já participo de todas”  
Diego Hipólito

“Quando tem algo divertido abordar de "forma atrativa" aos alunos os conteúdos a serem estudados.”  
Ana Marcela Cunha

“A conscientização dos alunos para com o cuidado com a própria saúde”  
Joanna Maranhão

“Alem de deixar você com o corpo em forma, te leva a nao ficar obeso, te ensina a como realizar outras  
lutas em geral, ter mais conhecimento sobre o corpo humano.”  
Maria Lenk

“Confesso que, Não gostava das aulas remotas de educação física, Pois na minha visão,  
Educação física tem que ser realizado presencialmente, Por causa dos exercicios e esportes, tendo a  
orientação de um professor da área.”

Poliana Okimoto  
 “A didática do professor, o conteúdo (que deve ser interessante) e a interação entre professor e alunos.”  
 Marcelo Negrão

“Na pandemia nunca tive aula de Educação Física”  
 Darlan Romani

“Que as aulas não sejam tão chatas e sem graça”  
 Jadel Gregório

“Não sei dizer”  
 Fabiana Murer

“Sinceramente, uma aula de ed física remota é muito difícil de funcionar realmente, como aluno que passou dois anos vendo aula remota, posso dizer com certeza de que quase ninguém viaas aulas, eu incluso, e quando via, o professor podia até tentar algo diferente mas ninguém queria fazer”  
 Bruno Rezende

“Tenha mais conteúdos diferenciados, dinâmicas divertidas e interessantes”  
 Gustavo Borges

“Dê uma chance a se mesmo de conhecer novos esportes e seja curioso para conhecê-los cada vez mais, temos muitas opções de esportes e todos são bastante interessante.”  
 Giovane Gávio

“Também tem o lado da saúde, você pode descobrir muitas coisas sobre seu corpo, coisa que podem até prevenir que você adoça.”  
 Giba

“Normalmente algo mais chamativo e q ajude a me tira da ansiedade”  
 Diego Hipólito

“Pra não ter deixado agente muito sedentário”  
 Arthur Nory

“Haver atividades propostas com a prática, invés de só teoria”  
 Fernando Scherer

“Que sejam didáticas, interativas e que não seja só ficar em frente ao computador/celular/tablet vendo o professor da aula...”  
 Maurício Lima

“Seja mais variada,a cada aula seja trabalhada o conteúdo de maneiras diferentes.”  
 Sheila Castro

“Muita gente concorda com isso, na hora boa parte dos alunos dizem sim, mas na hora de colocar em prática dificilmente acontece a hora prática!”  
 Marta Vieira

“Jogos e etc”  
 Yane Marques

“Melhor mais atividades e não atividades físicas”  
 César Cielo

“eu não vou saber responder”  
 Douglas Souza

“abordar mais temas da saúde e jogos/desafios online.”  
 Fabi Alvim

“eu prefiro aula presencial que agente aprendi mais e se comsentrar mais nas aulas ✨”  
Rosa Maria

“Focar em apenas um ou dois esportes exclui aqueles que não possuem aptidão para eles. Quando o professor oferece a oportunidade de os alunos conhecerem outras práticas, como o atletismo, por exemplo, abre possibilidades para os outros alunos se interessarem”  
Serginho

“Gosto de saber mais sobre meu corpo”  
Jacqueline Silva

“Eu acharia importante ter video aulas explicando com mais detalhes o conteúdo, e nisso ganharíamos TD's para reforçar o que aprendemos nas video aulas”  
Aída dos Santos

“aulas não tão "complicadas" e em equipe,eu gosto”  
Bruno Fratus

“sejam feitas no auditório para que eu me sinta confortável para praticar as atividades.”  
Carol Gattaz

“Online não funciona”  
Arthur Zanetti

“Tem que ser divertidas e no auditório”  
Sandra Pires

“Que o professor seja bem atencioso a todos enque meio que tente fazer uma prática e nn apenas teórica”  
Rafaela Silva

“Desejo que tenha mais movimentos corporais”  
Luísa Parente

“Na minha opinião não tem como uma aula de Ed.física online de interessante”  
Robson Caetano

“Tenham propostas legais.”  
Isabel Clark

“Que incluam exercícios que todos têm capacidade e saibam fazer”  
Maya Gabeira

A partir da fala dos estudantes podemos identificar palavras que se repetem em mais de uma resposta, como “diversidade”, “interação”, “divertida”, “atrativa”, “diferenciada”, “oportunidade” e “possibilidades”; posto isso podemos perceber que há uma preocupação grande por parte dos estudantes em relação à aula em formato remoto ser atrativa ou não, interessante ou não, que consiga prender a atenção ou não.

Sabemos que as aulas remotas foram e ainda são um desafio muito grande para todos os sujeitos envolvidos nesse processo pedagógico, não foi fácil para o professor migrar pro meio digital tampouco para os estudantes. O desinteresse por parte dos alunos, dificuldades por parte dos mesmos em relação ao acesso à internet e a falta de

equipamentos adequados foram algumas das dificuldades enfrentadas pelos professores nessa jornada.

Na prática, o ensino remoto é feito por um professor que ministra aulas, sejam elas síncronas ou não, por meio de aplicativos de vídeo conferência, como o Google Meet e o Zoom. A carga horária a princípio é a mesma das aulas presenciais, mantendo a frequência, a depender da organização pedagógica de cada instituição. Adaptar todo o processo da sala de aula presencial para os chamados ambientes virtuais demandou investimento de tempo, de pessoal e em tecnologia.

Hodges et al (2020) explicam que o trabalho educacional remoto é um trabalho que requer paciência e ao mesmo tempo criatividade, pois, apesar de ser aplicado a distância, deveria preconizar a transmissão em tempo real das aulas, promovendo constante contato entre educador e estudante. A educação remota refere-se à distância espacial e o que está sendo feito atualmente é um ensino remoto de emergência, que deve ser considerado uma solução temporária para um problema imediato.

Um outro ponto a ser abordado é o fato dos estudantes terem que adequar-se à cultura digital, porém de forma mais produtiva e de certa forma laboral, cultura essa já inserida do dia a dia da maioria dos jovens, mas que antes era estimulada de outra forma e com objetivos completamente diferentes. Antes da pandemia, os estudantes acessavam a internet prioritariamente para interação nas redes sociais, pesquisas em buscadores para trabalhos escolares e para compras on-line. A realidade do cenário da pandemia em que a escola foi literalmente pra dentro do digital é muito diferente do que os estudantes estavam acostumados, o formato das aulas remotas requer por parte do aluno mais disciplina e comprometimento.

Em algumas das respostas acima os estudantes afirmam não gostarem de aulas remotas meramente expositivas, aquela em que o professor fica de frente pra tela do computador somente passando os conteúdos de uma forma mais bancária como dizia Paulo Freire. O que se percebe pela fala dos estudante é que quando há mais interação ou há o uso de metodologias que fogem do lugar comum eles gostam mais das aulas e sentem mais motivados a participar, o que do ponto de vista pedagógico e do processo de aprendizagem seria mais interessante tanto para o professor como para o aluno.

O estudo de caso proposto pela nossa pesquisa, como já dito anteriormente foi prejudicado pelo cenário pandêmico e o conseqüente isolamento social, com a finalidade de coadunar com o discurso dos alunos percebido no questionário e entender o contexto da escola e seus sujeitos, propomos uma entrevista com o professor Andre Domingues

(codinome) sobre sua trajetória, projetos, contexto escolar e aulas remotas. Veremos a seguir uma análise sobre a fala dele.

### **5.1 ANÁLISE DO CONTEXTO: AS CONTRIBUIÇÕES DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR**

Com o intuito de ampliar nossa análise, mesmo tendo ao longo de todo o processo as contribuições do professor e que foram muito significativas, precisávamos nos apropriar e aprofundar algumas questões que achávamos pertinente explorar. A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice do trabalho.

O professor colaborador de nossa pesquisa é professor efetivo de educação física da rede de educação básica estadual do Ceará e possui oito anos de experiência na área, atuando sempre na mesma escola. O ingresso na profissão se deu na escola em que atua até hoje, sendo esta sua primeira experiência profissional na área. O referido professor é formado em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará e é ainda especialista em Artes Marciais, Lutas e Esportes de Combate pela UECE, mestre em gestão e avaliação da educação pública pela UFJF.

A partir da entrevista com o professor, podemos tecer algumas considerações sobre o contexto em que nosso estudo está inserido, o primeiro ponto que nos deteve foi o relato sobre a estrutura física disponível para as aulas práticas. Segundo ele, a única quadra disponível está mal localizada e tem um tamanho inadequado para uma prática de excelência, essa mesma descrição podemos encontrar em várias escolas públicas do nosso estado e é uma reclamação recorrente da área da Educação Física escolar.

É importante ressaltar que a Educação Física é componente curricular obrigatório com compromisso de contribuir na formação do educando. Portanto nessa perspectiva de legalidade a disciplina deve ter seus requisitos mínimos respeitados, corroborando a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) lei 9.394 de 1996, onde afirma que o Estado deve garantir padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como “a variedade e quantidade mínimas”, considerando a quantidade de alunos, para a dispensa de insumos imprescindíveis ao aperfeiçoamento do processo de ensino aprendizagem. Apesar disso, o professor cita que há outros espaços que estão sendo adaptados para a prática das atividades e ele não se limita ao espaço da quadra, a fim de oferecer um processo de ensino aprendizagem de qualidade.

Outro ponto de nossa conversa foi sobre o que diz respeito aos avanços e dificuldades no seu cotidiano de professor de Educação Física . Sobre os avanços, ele

ressalta o engajamento que os alunos tem a uma cultura de ensino da Educação Física, promovendo assim uma experiência do processo de mais qualidade em que os alunos abraçam a proposta. Cita também sobre os avanços estruturais, tão necessários e que segundo ele está havendo ao longo dos anos.

Em um período pandêmico como estamos vivendo, a principal dificuldade relatada está ligada às perdas desse período, não só de aprendizagem, mas de cultura escolar cotidiana, dos hábitos escolares. A pandemia provocou consequências pessoais, familiares e sociais e provocou um grande impacto psicológico especialmente em crianças e adolescentes.

No Brasil, percebe-se uma série de impactos e efeitos sobre todas as atividades desempenhadas pela população, ocasionando o distanciamento social e na educação. Foi preciso repensar como dar continuidade ao ano letivo e garantir uma educação de qualidade e que atenda a demanda do curso escolar. (SILVA & SILVA, 2022).

Em sequência indagamos sobre como é trabalhado os conteúdos relacionados a Cultura Corporal de Movimento em suas aulas, o mesmo fez questão de ressaltar a importância das vivências e experimentações corporais e o fato de serem supervalorizadas em suas aulas, deixando de um pouco de lado a visão dicotômica de “aula teórica/aula prática” que segundo ele é uma visão reduzida da didática em Educação Física. A Educação Física tem por objetivo a integração dos alunos na esfera da cultura corporal de movimento, formando cidadãos que ressignifiquem as diferentes faces culturais da atividade física, possibilitando um olhar mais crítico. (DINIZ, 2011)

No momento seguinte perguntamos sobre as práticas corporais extra escolares dos alunos e pedimos para ele citar fatores que possam vir a influenciar na escolha. Ele afirma que no universo pesquisado, a estética é um fator relevante, por isso muitos buscam academias de ginástica, musculação etc. É interessante citar que os alunos buscam orientação com o próprio professor. Cita também que há um elemento lúdico, onde os projetos esportivos da escola são bastante buscados (vôlei, futsal e lutas).

Finalizando a entrevista pedimos para ele fazer um relato de como foram suas aulas durante o período da pandemia. Ele descreveu todo o processo institucional de que a escola teve que passar para se adaptar ao processo das aulas remotas e as estratégias empregadas. Contudo, com o passar do tempo, que não foi muito extenso, segundo ele, notaram que o método era esgotante, que não era frutífero, até mesmo talvez estivesse mais atrapalhando que ajudando (pela rotina cansativa, de todos os dias, um turno inteiro de aulas etc.). Nesse sentido, o professor, começou a defender e praticar encontros

quinzenais para tentar diminuir a pressão, prática que foi muito bem recebida pelos alunos. Fora isso, transformou os encontros, deixando-os mais lúdicos, buscando aulas com metodologias de jogos (jogo da forca, palavra cruzada, quiz, jogos com roleta, plataformas online etc.). Obteve uma boa resposta dos alunos com a mudança de metodologia, onde eles participavam ativamente do encontro, tornando a aula mais efetiva. Além disso, foi criado um blog onde foi produzido material conceitual de Educação Física em vídeo e texto, o que ele relata que foi um engrandecimento para ele como docente.

Cabe salientar que, apesar de todas essas estratégias e o esforço do professor durante todo o período pandêmico, a principal marca foi a evasão, visto que muitos alunos (cerca de 50%) não conseguiam participar de nada, quando muito alguma prova, relata ele.

Diante disso, finalizamos nossa etapa de apresentação dos resultados da pesquisa que compreendeu a análise dos questionários e da entrevista com o professor de Educação Física; etapa essa que nos forneceu subsídios para analisar a relação entre os saberes elaborados (relacionados) pelos estudantes e o contexto sociocultural local. No próximo capítulo iremos tratar das considerações finais sobre a presente pesquisa que originou esse trabalho de dissertação.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos os indivíduos possuírem o mesmo corpo biológico, seus corpos são constituídos de experiências culturais diferenciadas, segundo Bondia (2002). Ele afirma ainda que um mesmo tipo de jogo pode ser jogado de diferentes maneiras por dois jovens distintos, logo, a experiência que cada jovem teve com aquela prática corporal é singular.

Em nossa investigação conseguimos identificar quais são as práticas corporais de mais interesse dos(as) estudantes fora do contexto escolar; pudemos compreender quais são as práticas corporais presentes nas aulas de Educação Física, além do envolvimento dos(as) estudantes nos dois espaços: a escola e o ambiente extraescolar.

Ao descrever e refletir sobre características e práticas desenvolvidas por meio de aspectos culturais no contexto das aulas de Educação Física e no cenário fora da escola percebemos que são vários os desafios cotidianos, seja pela escassez de material literário de apoio frente a outros temas ou pela dificuldade de obtenção de dados frente a um período pandêmico e pela ausência das aulas presenciais e a impossibilidade do pesquisador estar presente na escola; esse último um desafio transitório, pertencente ao momento em que vivemos.

Dayrell (2003) defende que a juventude é, ao mesmo tempo, uma representação e uma condição social. Como representação, destacam-se aspectos gerais de transformações psicológicas e mudanças físicas. Já em relação às condições sociais, dá-se atenção às modificações decorrentes de cada sociedade. Essas modificações referem-se às condições culturais, de classe e de gênero.

Em nossa pesquisa pudemos constatar que as atividades extra-escolares têm adesão por parte dos alunos, em razão de motivos completamente diferentes dos motivos responsáveis por fazê-los participar das aulas de Educação Física na escola. As duas possibilidades das práticas parecem estar em dimensões diferentes e tem sentidos diferentes atribuídos pelos alunos em suas narrativas. Há uma preocupação por parte dos alunos(as) em participar das atividades na escola mais voltado para o saber-relacional, para a interação com os outros sujeitos na escola e em parte por razão do caráter obrigatório como disciplina curricular. Ao passo que, fora da escola o que mais ecoa é a preocupação com o corpo, a estética e a condição da saúde dos mesmos: além de práticas voltadas para o lazer.

Essa etapa do nosso estudo em relação às práticas corporais fora do ambiente escolar foi prejudicada sobremaneira em virtude da pandemia da Covid-19, a inserção no campo e as observações das práticas corporais ficaram impossibilitadas de acontecer, o que mudou a trajetória da pesquisa. Temos ciência de que os dados poderiam ser mais aprofundados e teríamos uma sustentação maior sobre as motivações e mobilizações dos alunos frente às práticas corporais.

A partir do questionário realizado com os alunos é possível entender como o contexto sociocultural e os saberes relacionados com as práticas corporais podem ser agentes influenciadores na construção de normas, significados e planejamentos das aulas. Por sua vez, o ponto de vista dos alunos sobre esse processo talvez, seja o menos estudado, e por consequência a voz do estudante é a menos ouvida nessa relação entre os vários sujeitos dessa grande engrenagem que é a escola. A partir da possibilidade da escuta desses relatos nos questionários, é criada uma nova relação estrutural do que chamamos de processo de construção pedagógica na escola.

Partindo desses elementos configurados na pesquisa, So e Betti (2018) afirmam que a função da Educação Física é tematizar os elementos da cultura de movimento à luz de critérios didático-pedagógicos. Absorvendo assim a demanda de uma (re)construção do conhecimento pedagógico do conteúdo por parte do professor. Para tal, é imprescindível compreender o processo de ensino e aprendizagem sob o ponto de vista dos alunos, analisando-os como sujeitos sociais e singulares.

O processo de problematização inicia com a compreensão crítica da significação da palavra, para então construir condições para o anúncio de uma outra realidade possível. Pois, conforme Freire “quanto mais progride a problematização mais penetram os sujeitos na essência do objeto problematizado e mais capazes são de ‘desvelar’ esta essência”. O conhecer passa ser um exercício de investigação pesquisa e descoberta. (FREIRE, 1978)

Essas problematizações se fazem relevantes, pois a análise de como os alunos dão significado à sua relação com a Educação Física favorece a compreensão das lógicas de escolarização e suas implicações para a valorização de determinados saberes pelo currículo, além de nos permitir compreender o lugar ocupado por esse componente curricular nos espaços escolares. Mas, sobretudo, possibilita-nos evidenciar as experiências que os alunos veem como significativas em sua formação, o que aprendem e o que fazem com o que aprendem, assim como o que consideram importante para ser ensinado e aprendido na escola.

É preciso ressaltar que a Educação Física valoriza a relação com o saber de uma maneira peculiar quando comparada com as demais disciplinas. Charlot (2000) afirma que só podemos entender o sujeito de saber à medida que damos visibilidade às relações estabelecidas com o próprio saber, dado que é apreendido apenas em relação, sob formas particulares de se implicar nesse processo. Relações essas produzidas a partir do confronto com o outro, dos interesses compartilhados, da colaboração mútua, da forma como o sujeito se percebe, vê o outro e é percebido. Assim, não há um saber materializado em si mesmo, mas constituído de maneiras singulares na relação com o mundo.

Entende-se, por fim, que pesquisas nesse formato abrem um caminho fecundo para a possibilidade de vivência de práticas pedagógicas inovadoras, contribuindo assim para configurar novos processos de formação que privilegiam a prática docente voltada para um currículo cultural. Os saberes produzidos a partir do movimento humano devem ser encarados de forma natural e real, se aproximando de uma visão possível do corpo e que é repleta de significados. A partir do momento em que percebemos esse corpo como algo possível e palpável, as questões envolvendo gênero, raça, preconceito, aceitação e sexualidade podem ser encaradas de uma forma mais presente e natural, como algo inerente ao sujeito e que deve ser discutido e ressignificado de forma ampla na escola.

Os conhecimentos prévios sobre o corpo, o background cultural, a visão comparativa dos alunos sobre diferentes experiências na(s) escola(s) e a singularidade de cada sujeito têm raízes nas noções culturais e são parte de processo de construção de um repertório de sentidos e significados atribuídos aos saberes presentes na Educação Física escolar. As aulas de Educação Física têm um papel pedagógico importante nessas questões e nas transformações socioculturais do corpo e do sujeito, a partir das práticas corporais e dos elementos da cultura do movimento, promovendo e possibilitando o protagonismo do estudante nas aulas, o desenvolvimento da autonomia e de uma visão crítica do papel dele como estudante e como sujeito no processo ensino aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo.Luis. & DANTAS, Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, p.105-15, dez. 2011
- BETTI, Mauro, Mídias: Aliadas ou Inimigas da Educação Física Escolar?**Motriz** Jul-Dez 2001, V. 7, n.2, pp. 125-129
- BIANCHI, Paula; PIRES, Giovanni de Lorenzi. Cultura digital e formação de professores de Educação Física: um estudo de caso na Unipampa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 1025-1036, out./dez. de 2015
- BRACHT, Valter. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí, Editora Unijuí, 1999
- BRACHT, Valter. **Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento?** In: SOUZA JUNIOR, M. Educação física escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: Edupe, 2005.
- BRASILEIRO, Livia Tenorio; AYOUB, Eliana; MELO, Marcelo Soares Tavares de; LORENZINI, Ana Rita; PAIVA, Andrea Carla de; SOUZA JUNIOR, Marcílio Barbosa. A cultura corporal como área de conhecimento da Educação Física. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 19, n. 4, p. 1-17, 28 dez. 2016. Universidade Federal de Goiás.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações. **Motrivivência**, [s.l.], n. 41, 26 nov. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
- BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v.13, n.1, p.99-107, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. **Proposta preliminar, 2º versão**. 2016.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notes on experience and the knowledge of experience. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.
- CARDOSO, Berta Leni Costa; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SANTOS, Doiara Silva dos. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 139-154, jan./mar. de 2015
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2002.
- CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da; MOLINA NETO, Vicente. A cultura escolar sob o olhar do paradigma da complexidade: um estudo etnográfico sobre a construção da identidade docente de professores de Educação Física no início da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3., p. 827-840, jul./set. de 2017

DAOLIO, Jocimar. **A antropologia social e a Educação Física: possibilidades de encontro.** In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia (org.). *EF e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-38.

DAOLIO, Jocimar. **A cultura da/na Educação Física.** 2002. 112 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura.** Campinas: Autores Associados, 2007.

DAOLIO, **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (coleção corpo e motricidade)

DARIDO, S.C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de educação física e Esporte**, São Paulo, v.18, n. 1, p. 61-80, jan./mar, 2004

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo Cesar. **Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola.** In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014.

DINIZ, Irla Karla dos Santos. **A cultura corporal na mídia: possibilidades pedagógicas para a educação física escolar.** 2011. 72 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011.

FERREIRA, Antonio Leonan Alves. **Estrutura e função social da atividade esportiva e o processo de apropriação da cultura:** contribuições para a atividade de ensino na educação física escolar. *Motrivivência*, [s.l.], v. 30, n. 54, p. 295-307, 27 jul. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

FERREIRA, Flávia Martinelli; DAOLIO, Jocimar; ALMEIDA, Dulce Filgueira de. Da cultura do corpo das crianças: diferenças e significados produzidos nas aulas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4., p. 1217-1228, out./dez. de 2017.

FRANCHI, Silvester. Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na Educação Física escolar. **Motrivivência**, [s.l.], n. 40, 3 jul. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

FREIRE, Paulo. Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo. **Revista de Cultura da Universidade do Recife**. n. 4; abr./jun. 1963.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática da liberdade:** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GARNIER, Pascale; MELLO, Alexandre Moraes de. Os objetos esportivos na cultura infantil: dimensões materiais e representações. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3., p. 717-729, jul./set. de 2015

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.

GIL, Antonio Carlos; PESSONI, Arquimides. **Estratégias para o alcance de objetivos afetivos no ensino remoto**. 2020. p. 8. Riode Janeiro

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física progressista – a pedagogia crítico – social dos conteúdos da Educação Física Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.

GUZZO, Marina Souza Lobo; FEDERICI, Conrado Augusto Gandara; ROBLE, Odilon José; TERRA, Vinicius Demarchi Silva. **Dança é política para a cultura corporal**. Pensar A Prática, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 1-20, 31 mar. 2015. Universidade Federal de Goiás.

HALLAL PC, BERTOLDI AD, GONÇALVES H, VICTORA CG. **Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade**. Cad Saude Publica. 2006; 22(6):177-87. DOI:10.1590/S0102- 311X2006000600017

HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, C.; SYMON, G. **Qualitative methods in organizational research: a practical guide**. London, Sage, 1994.

HODGES, Charles et al. As Diferenças entre o Aprendizado Online e o Ensino Remoto de Emergência. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, Recife, v. 2, p. 1-12, abr. 2020.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí-RS: Unijuí. 1994

KUNZ, Elenor. A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino. **Motrivivência**, n.13,1999 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

MACIEIRA, Jeimison Araújo; MATA, Áurea Augusta R.; HERMIDA, Jorge F. A cultura corporal como objeto de estudo nos referenciais curriculares do ensino fundamental da Paraíba. **Motrivivência**, [s.l.], n. 36, 7 nov. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. O jogo como manifestação da cultura corporal de movimento na Educação Física escolar: as três dimensões do conteúdo e o desenvolvimento do pensamento crítico.: as três dimensões do conteúdo e o desenvolvimento do pensamento crítico. **Motrivivência**, [s.l.], v. 28, n. 48, 21 set. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

MARZINEK, A; NETO, A. F. A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, v.11, n.105, 2007. <http://www.efdeportes.com/efd105/motivacao-de-adolescentes-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>

- MOURA, Diego Luz; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Cultura e Educação Física: uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 687-709, abr./jun. de 2014.
- MOURA, Diego Luz; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Cultura, identidade crítica e intervenção em Educação Física escolar. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 1-17, 31 dez. 2012. Universidade Federal de Goiás.
- DE MOURA, Misael Feliciano et al. Aderência da atividade física e lazer em adolescentes. **Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde**, v. 1, n. 1, p. 46-53, 2018. Disponível em:  
<https://online.unisc.br/seer/index.php/ripsunisc/article/view/11943>.
- SILVA, Eduardo Vinícius Mota e; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Atletismo e ensino da história e cultura afro-brasileira.: visão de professores de educação física participantes de um curso de extensão a distância. **Movimento** (esefid/ufrgs), [s.l.], v. 24, n. 1, p. 119-440, 29 mar. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MUNARIM, Iracema. O que podemos aprender com as crianças indígenas? Aproximações da antropologia das crianças às noções de infância, cultura e movimento na Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 375-390, abr./jun. 2011
- NASCIMENTO, Carolina Pichetti. Os significados das atividades da cultura corporal de movimento e os objetos de ensino da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 677-690, abr./jun. de 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- NEIRA, Marcos Garcia. Currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p. 4-28 jan./mar. 2018.
- NEIRA, Marcos Garcia **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica** / Marcos Garcia Neira. - 2. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2019.
- OLIVEIRA, P. de S. **Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas**. In: OLIVEIRA, P.de S. (org.). Metodologia das Ciências Humanas. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- OLIVEIRA, Rogério Cruz; DAOLIO, Jocimar. Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2011
- OPAS – Organização Panamericana da Saúde, <https://www.paho.org/pt/covid19>, 2021
- PARASURAMAN, A. **Marketing research**, 2ª ed. New York: Addison-Wesley Publishing Company, 1991.
- REICHENBACH, José Paulo; FONSECA, Denise Grosso da. A cultura de paz na percepção dos professores de Educação Física de uma escola de rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. **Motrivivência** v. 28, n. 48, p. 331-346, setembro/2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
- RIBEIRO, Elisa. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá. Minas Gerais, 2011

ROCHA, C. C. M. **A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da educação física escolar.** Tese de mestrado Universidade Técnica de Lisboa, 2009

SANTIN, Silvino. Cultura e esporte: uma hermenêutica visual. **Motrivivência** Ano XXV, Nº 41, P. 155-165 Dez./2013

Siddaway, AP, Wood, AM, & Hedges, LV (2019). **Como fazer uma revisão sistemática:** Um guia de melhores práticas para conduzir e relatar revisões narrativas, análises e meta-sínteses. *Revisão Anual de Psicologia*, 70

SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Práticas corporais na experiência quilombola.: um estudo com comunidades do estado de goiás/brasil. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 1-20, 16 abr. 2012. Universidade Federal de Goiás

SILVA, Luciana Maria Fernandes; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Cultura ou culturas? Concepções de cultura na educação física sob a perspectiva de Cuche. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 15, n. 4, 31 dez. 2012. Universidade Federal de Goiás.

RIBEIRO DA SILVA, I. .; MELINA BECKER DA SILVA, A. O impacto da pandemia Covid-19 na Educação Física escolar : uma revisão integrativa da literatura. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022.

SO, Marcos Roberto; BETTI, Mauro. Lutas na Educação Física escolar: relação entre conteúdo, pedagogia e currículo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v.17, n.178, p.1, 2013.

SOUZA, Jáise do Nascimento; DIAS, Maria Aparecida. **Inclusão na educação infantil: desafios e possibilidades em tempos de pandemia.** 2020. p. 9.

TEIXEIRA, David Romão; DIAS, Fernanda Braga Magalhães. A necessidade histórica da cultura corporal: limites e possibilidades sob a ordem capitalista: limites e possibilidades sob a ordem capitalista. **Motrivivência**, [s.l.], n. 36, 7 nov. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais>



## APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

### Questionário

Prezado(a) aluno(a),

Solicito sua colaboração para responder estas questões, que fazem parte de uma pesquisa desenvolvida por mim, Otoniel Carneiro Fernandes, em minha dissertação no curso de Mestrado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará.

**Peço que você leia atentamente cada questão e suas alternativas antes de responder.**

Nome : \_\_\_\_\_

série: \_\_\_\_\_

sexo: Feminino ( ) Masculino ( ) idade: \_\_\_\_\_ anos

As perguntas a seguir devem obrigatoriamente ser respondidas levando em conta o contexto do cotidiano anterior à pandemia da Covid-19.

#### **1- Quanto a sua participação nas aulas de Educação Física, você:**

- ( ) participa de todas as aulas, sempre
- ( ) participa da maioria das aulas
- ( ) não participa de algumas aulas
- ( ) não participa da maioria das aulas
- ( ) nunca participa das aulas

**2- Você considera que os conhecimentos que você aprende na Educação Física são importantes para a sua vida?**

- sim, muito
- sim, mais ou menos
- sim, só um pouco
- não ensina nada importante
- não sei dizer

**3- Quais os conhecimentos ou saberes que você considera que mais aprende (ou aprendeu) nas aulas de Educação Física?**

---

---

---

---

**4 – Onde você considera que MAIS aprende sobre fatos ou informações relacionadas à atividade física, jogos, esportes, dança, ginástica, musculação, lutas etc.? Marque quantas respostas você quiser.**

- nas aulas de Educação Física
- na televisão
- com os amigos
- em revistas
- com a família
- na internet
- outros: \_\_\_\_\_

**5- Dentre as práticas corporais que vc realiza nas aulas de Educação Física, quais as que você sente mais motivado a realizar? Se possível nos informe o porquê.**

- esportes
- jogos e brincadeiras
- temas da saúde
- lutas
- dança
- ginástica

( ) outros

**6 - Você pratica algum tipo de atividade física, jogos, esportes, dança, ginástica, musculação, lutas, artes marciais etc. FORA das aulas de Educação Física?**

SIM ( ) NÃO ( )

Se você respondeu SIM, responda as perguntas abaixo:

Que atividades você faz fora das aulas de Educação Física?

---

---

---

**7- Você considera que as práticas corporais praticadas fora das aulas de Educação Física acrescentam algo de importante na sua vida, do ponto de vista corporal?**

- ( ) sim, muito
- ( ) sim, mais ou menos
- ( ) sim, só um pouco
- ( ) não são nada importante
- ( ) não sei dizer

**7- Você considera que as práticas corporais praticadas fora das aulas de Educação Física acrescentam algo de importante na sua vida, do ponto de vista corporal?**

- ( ) praça esportiva
- ( ) projeto social
- ( ) dependências da igreja
- ( ) na rua
- ( ) academia de ginástica

As perguntas a seguir devem ser respondidas levando em conta o contexto atual da pandemia da Covid-19.

**9- Você acha que as atividades físicas presentes nas aulas de Educação Física foram prejudicadas após a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia da Covid-19?**

- sim, muito
- sim, mais ou menos
- sim, só um pouco
- não foram prejudicadas
- não sei dizer

**10- Quanto a sua participação nas aulas de Educação Física realizadas de forma remota (online), você:**

- participa de todas as aulas, sempre
- participa da maioria das aulas
- não participa de algumas aulas
- não participa da maioria das aulas
- nunca participa das aulas

**11- Da sua experiência, diga-nos os aspectos que considera importantes para que as aulas remotas de Educação Física sejam motivadoras e façam com que você participe ativamente das aulas.**

---

---

## **APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **1. Como vc se chama? Onde vc atua?**

Me chamo Andre Domingos (codinome). Sou professor efetivo de Educação Física da rede de educação básica estadual do Ceará, minha lotação desde minha entrada no serviço público em julho de 2014 (completamos agora 8 anos de serviço na mesma unidade).

### **2. Formação e tempo de serviço (profissional e na escola) ?**

Saí direto da universidade pra escola, então essa tem sido a minha única experiência docente, além de participação em projetos ligados a universidade, como o PIBID. Sou formado em Educação Física pela UFC, especialista em Artes Marciais, Lutas e Esportes de Combate pela UECE, mestre em gestão e avaliação da educação pública pela UFJF.

### **3. Em que séries ou ciclos atua?**

A escola tem apenas o ciclo do ensino médio, 1º ao 3º. Atuo atualmente nas três séries com diferentes turmas.

### **4. Quais as condições e ambientes de trabalho que a escola lhe oferece?**

A escola oferece quadra poliesportiva coberta, porém mal localizada (no meio da escola) e pequena (mas suficiente para a maioria das atividades). Oferece sala de aula comum e também uma sala de aula específica que estamos formatando para a corporeidade, com tatames, espelho na parede, bolas suíças e outros insumos pedagógicos específicos pra cultura corporal.

### **5. Quais as práticas corporais trabalhadas durante o período da aplicação do questionário para os alunos?**

Estávamos trabalhando: 1º ano - jogos; 2º ano - ginásticas; 3º ano - lutas.

### **6. Quais avanços e dificuldades você aponta para o trabalho de seus conteúdos nas aulas de Educação Física?**

Os avanços dizem respeito a uma cultura de ensino da Educação Física que os alunos abraçam e entendem, partilhando assim da experiência de forma mais qualitativa. Avanços estruturais também estamos tendo ao longo dos anos. Atualmente, a principal dificuldade esteve ligada às perdas do período pandêmico, não só de aprendizagem, mas de cultura escolar cotidiana. Também estamos enfrentando alguns ruídos pedagógicos na

implementação do novo Ensino Médio, sobretudo com obrigatoriedades ligadas à utilização do livro didático.

**7. Como você, enquanto professor, trabalha os conteúdos da cultura corporal do movimento em suas aulas?**

Trabalhamos a cultura corporal da forma mais essencial que acreditamos: vivendo-a. As vivências e experimentações corporais são super valorizadas em nossa escola, fugindo completamente inclusive da velha dicotomia "aula teórica/aula prática", que ao meu ver, é uma visão reduzida e errônea da didática em Educação Física, que cinde o conhecimento dificultando sua compreensão de forma integral e hipervalorizando informações "conceituais" ou "enciclopédicas" desnecessárias.

**8. Quais fatores você consegue citar que podem influenciar a escolha por parte dos alunos por práticas corporais extraescolares no contexto sociocultural da escola em que vc trabalha?**

Na fase da idade que nossos alunos estão, a estética é um fator relevante, por isso muitos buscam academias de ginástica, musculação etc. (até mesmo nos buscando para orientações). Há também um elemento lúdico, onde os projetos esportivos da escola são bastante buscados (temos vôlei, futsal e lutas).

**9. Como foram suas aulas de Educação Física na escola, especificamente durante o período da pandemia?**

Durante a pandemia, logo em maio de 2020, tivemos acesso a email institucional e preparamos cronograma de encontros síncronos com as turmas (juntando turmas, para tentar dinamizar). Todavia, com o passar do tempo (e nem foi muito), percebemos que o método era esgotante, que não era frutífero, até mesmo talvez estivesse mais atrapalhando que ajudando (pela rotina cansativa, de todos os dias, um turno inteiro de aulas etc.). Nesse sentido, eu, em 2021, comecei a defender e praticar encontros quinzenais para tentar diminuir a pressão (decisão bem recebida pelos alunos, pena que não foi praticada por toda a escola). Além disso, comecei a tentar transformar os encontros também em encontros lúdicos, buscando aulas com metodologias de jogos (jogo da forca, palavra cruzada, quiz, jogos com roleta, plataformas online etc.). Obtivemos uma boa resposta dos alunos com essa metodologia, onde eles participavam ativamente do encontro, seja pelo chat ou pelo microfone e assim a aula conseguiu ser mais efetiva, ao meu ver. Além disso, criamos um blog e produzimos bastante material conceitual de Educação Física em vídeo e texto, o que foi um engrandecimento para mim como professor. Todavia, durante todo o período pandêmico, a principal marca era a evasão, pois muitos alunos (quase 50%, muitas vezes) não conseguiam participar de nada, quando muito alguma prova.

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

### Termo de consentimento livre e esclarecido

Sou aluno do curso de Mestrado em Educação, realizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “A cultura local e as práticas corporais nas aulas de Educação Física: estudo de caso de uma escola na cidade de Fortaleza/CE”, integrante de meu Trabalho de Conclusão de Curso , sob a orientação da Prof. Dra. Maria Eleni Henrique. O objetivo geral da presente pesquisa é analisar a relação entre os saberes elaborados por estudantes nas aulas de Educação Física e o contexto sociocultural local de uma escola pública de Fortaleza. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Para o alcance do objetivo acima descrito serão utilizados questionários individuais, observações de aulas e entrevistas individuais. Dessa forma convido você a participar dessa pesquisa. Gostaria de acrescentar que você não terá nenhum prejuízo profissional nem pessoal, visto que as informações coletadas serão utilizadas apenas para a realização da pesquisa. Seu nome será preservado caso haja publicação ou apresentação do estudo. Você tem a liberdade de retirar sua autorização ou consentimento a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum. Caso precise entrar em contato com o pesquisador responsável, utilize o telefone: (85) 99737-2514.

Nome: Otoniel Carneiro Fernandes

Instituição: Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110

Telefones para contato: (85) 99737-2514 / 98839-4600

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O \_\_\_\_\_ abaixo \_\_\_\_\_ assinado

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ anos,  
RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas.

Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do participante da pesquisa                      Data                      Assinatura

Nome do pesquisador principal                      Data  
Assinatura



